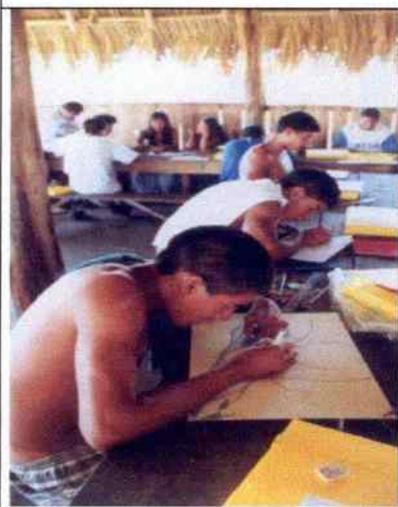




Instituto Socioambiental - ISA
Programa Xingu
Associação Terra Indígena Xingu - ATIX

**FORMAÇÃO DE AGENTES INDÍGENAS PARA
MANEJO DOS RECURSOS NATURAIS (AIMAREN)
NO PARQUE INDÍGENA DO XINGU**
SUBSÍDIOS PARA UMA PROPOSTA CURRICULAR

São Paulo - agosto/2002



APRESENTAÇÃO

Neste documento reuniu-se um conjunto de informações para subsidiar a elaboração de uma proposta curricular para a formação de agentes indígenas de manejo de recursos naturais no Parque Indígena do Xingu (PIX).

A sugestão de conteúdos proposta representa uma primeira tentativa de organização curricular, a ser analisada, complementada e discutida com os agentes, técnicos e educadores do ISA e de outras instituições, equipe da ATIX e professores indígenas do Parque do Xingu. Assim será possível a construção coletiva de um currículo que possibilite aos agentes o reconhecimento e a execução de seu trabalho. Este currículo deve representar os interesses dos povos indígenas do (PIX), tendo como ponto de partida outras experiências curriculares para a formação de povos da floresta, como as do projeto de Formação de Professores Indígenas do PIX –ISA/ ATIX e dos projetos de Formação de Professores e Agentes Agroflorestais Indígenas do Acre, desenvolvidos pela Comissão Pró-Índio (CPI-AC).

A primeira parte contém a visão de diretores dos agentes de manejo sobre o histórico e o desenvolvimento do processo de formação de agentes indígenas de manejo de recursos naturais no PIX. Na segunda parte apresenta-se as atividades já desenvolvidas, bem como as estratégias pedagógicas e metodológicas desta formação, bem como uma organização preliminar de disciplinas e temas. A terceira parte é um diagnóstico da situação atual do trabalho de manejo nas aldeias do norte do PIX, sintetizando um ciclo de acompanhamento realizado no primeiro semestre de 2002.

Agradecemos a todas as pessoas e instituições que têm contribuído para o processo de formação do primeiro grupo de agentes indígenas para o manejo de recursos naturais do Estado do Mato Grosso.

Vamos em frente.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
PROGRAMA XINGU
PROJETO DESENVOLVIMENTO DE ALTERNATIVAS ECONÔMICAS
SUSTENTÁVEIS E MANEJO DE RECURSOS NATURAIS

**FORMAÇÃO DE AGENTES INDÍGENAS PARA O MANEJO DE RECURSOS
NATURAIS NO PARQUE DO XINGU – AIMAREN -
SUBSÍDIOS PARA UMA PROPOSTA CURRICULAR**

**PARTE I – Visão da diretoria dos agentes de manejo sobre o
trabalho de manejo de recursos naturais no Parque Indígena do
Xingu**

PARTE II - Subsídios para uma proposta curricular

**PARTE III – Diagnóstico da situação do trabalho de manejo nas
aldeias, resultado do acompanhamento técnico realizado de maio
a julho de 2002.**

EQUIPE TÉCNICA

André Villas Boas – Coordenador do Programa Xingu

Geraldo Mosimann da Silva – Agrônomo, Coordenador do Projeto Formação de Agentes Indígenas para o Manejo de Recursos Naturais no Parque do Xingu

Marcus Vinícius Chamon Schmidt – Eng. Florestal, técnico do Projeto Formação de Agentes Indígenas para o Manejo de Recursos Naturais no Parque do Xingu

Wemerson Chimello Ballester – Agrônomo, coordenador do Projeto Desenvolvimento da Apicultura e Meliponicultura

Simone Ferreira de Athayde – Bióloga e educadora, Pesquisadora associada do Programa Xingu

Paula Mendonça de Menezes – Estudante de Pedagogia, estagiária do Projeto Desenvolvimento de Alternativas Econômicas Sustentáveis e Manejo de Recursos Naturais

Diretoria dos AIMAREN

Sirawan Kaiabi – Coordenador geral

Mahurimã Yudja – Representante

Pirapy Kaiabi - Assistente

Organização deste documento: Geraldo Mosimann da Silva, Simone Ferreira de Athayde e Paula Mendonça de Menezes

Parceria: ASSOCIAÇÃO TERRA INDÍGENA XINGU – ATIX

Apoio: Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA), Fundação Rainforest da Noruega (RFN) e Projeto Cultivando Diversidade.

PARTE I – Visão da diretoria dos agentes de manejo sobre o trabalho de manejo de recursos naturais no Parque Indígena do Xingu

VISÃO DA DIRETORIA DOS AGENTES DE MANEJO SOBRE O TRABALHO DE MANEJO DE RECURSOS NATURAIS NO PARQUE INDÍGENA DO XINGU

Entrevista realizada no PI Diauarum, em 24/07/2002

Sirawan Kaiabi. (SK) coordenador geral, Pirapy Kaiabi (PK) assistente-geral e Yasariku Yudja (YY) agente de manejo da aldeia Tuba Tuba.

Essa entrevista com a diretoria dos agentes de manejo foi feita com as perguntas que eles mesmos prepararam, a partir do roteiro que fizemos juntos. Foram os agentes se perguntando e eles mesmos se respondendo.

P: Como apareceu a idéia, como foi criado esse trabalho de manejo aqui no Parque do Xingu?

(SK) A idéia do curso sobre o manejo ela vem através da idéia das lideranças que tanto foi falado muito dos recursos que não existem no Xingu, e também tem muitas coisas que não tem no Xingu então a preocupação deles cada vez mais, porque aparece na reunião, o que foi discutido na reunião, isso vem através da preocupação de algumas pessoas que estão coordenando o trabalho aqui no Posto Indígena Diauarum. Então com esses entendimentos as lideranças voltam para sua aldeia e sempre que foi discutido sobre isso até o momento que chegou uma organização, uma associação, o Instituto Socioambiental que tem uma equipe dentro do Parque também, então essas pessoas deram uma ajuda para conscientizar algumas lideranças, por isso que aconteceu essa idéia de ter curso de agentes de manejo, assim o conhecimento foi crescendo, por isso que agora estão existindo os agentes. Alguns agentes já participaram do curso e já têm mais experiência e alguns estão começando, assim foi a idéia das lideranças do Parque, ao mesmo tempo as pessoas junto com as lideranças tiveram essa idéia.

Só que até agora nós estamos experimentando este trabalho dos agentes de manejo, porque a gente tirou a nossa proposta para os agentes de manejo.

(PK) Acho que essa idéia que saiu mais do mais velho, eles têm mais conhecimento da semente, porque agora estão vendo que estamos perdendo o conhecimento da cultura e principalmente das sementes da roça. Então, por isso o pessoal teve a idéia de fazer um trabalho para que a gente reserve as plantas, as sementes da roça, para não acabar. Quer dizer, antigamente existiam mais vários tipos de semente e agora tem pouca semente, alimento. Muito pouco. Então, por isso saiu esse trabalho de manejo para resgatar alguns recursos que estão diminuindo ou que acabaram, então toda essa preocupação que deixou acontecer o trabalho do manejo.

P: A pergunta seguinte trata exatamente do trabalho de manejo, para que existe o trabalho de manejo aqui?

(PK) Esse trabalho de manejo está existindo para reservar a semente, reservar a semente, a cultura e o conhecimento que é nosso, para que a gente não deixe nosso conhecimento acabar, principalmente nosso alimento que é o produto da roça, por isso está acontecendo esse trabalho. E também para procurar explicar para o mais novo, que os mais novos não têm o conhecimento da cultura antiga que é própria nossa cultura, para isso que a gente está estudando, tendo curso, para manter esse trabalho firme para que a gente, daqui para o futuro, nosso povo não perca a própria nossa cultura.

(SK) Esse trabalho está existindo acho que não somente para conservar a semente. Existe a semente da roça, mas precisa justamente trazer algumas mudas nativas, que a gente pode plantar para as comunidades e principalmente para nossas aldeias onde existem os agentes de manejo. No caso de algumas mudas que são mais principais, como arumã e taquarinha que a gente usa para flecha, as outras mudas também como siriva, elas são mais importantes para nós

porque aqui no Xingu não existem, só existe nas outras áreas. Então isso é a nossa preocupação e a preocupação da nossa comunidade. Mas agora que está começando esse trabalho e a gente está desenvolvendo porque é necessário para a nossa comunidade. Essa é a esperança do povo, eu acho que é isso.

(PK) Acho que o curso está sendo bom, como o Sirawan falou, esse curso do manejo é para resgatar a semente, para não perder as sementes da roça, como é a preocupação das comunidades, e também as sementes que estão quase se perdendo e algumas que já estamos perdendo. Então, por isso que esse curso de manejo é para nós não perder a cultura. Também as frutas do mato, a gente tem que manejar para não faltar para nós.

P: Bom, estamos falando para que existe o trabalho do manejo, e acho que seria interessante a gente conversar um pouco sobre quais os trabalhos de manejo que estão sendo feitos, desde que começou o curso até agora, que tipo de trabalho que está sendo feito no curso, e que tipo de trabalho o pessoal está desenvolvendo nas aldeias.

(SK) Em cada comunidade existe um desenvolvimento, depende da escolha da comunidade porque tem dois lugares onde existe um desenvolvimento dos agentes juntamente com sua liderança e comunidade. No meu caso, a preocupação foi desenvolver o trabalho sobre as sementes da roça e por outro lado, a comunidade pensa também para gente fazer uma outra atividade. Só que não dá para trabalhar com muita coisa, então a gente escolheu uma coisa só, para que não dê muito trabalho para nós. Mas em alguns lugares também está existindo o mesmo trabalho que a gente está fazendo na minha comunidade, o trabalho que eu digo com uma semente, semente da roça e os outros produtos que a gente tem, como semente de milho, amendoim, cará, batata e as outras plantas. Não somente desenvolvimento sobre a semente, dentro dela também existem outras plantas nativas, algumas plantas que se chama taquara para flecha. No caso, na minha aldeia existe, nos outros lugares também existem vários

tipos de planta, em outras aldeias existe uma experiência com as mudas do arumã. Assim foi nosso desenvolvimento, algumas pessoas já têm pequenos viveiros para conhecer o crescimento das mudas que a gente não conhece, isso está em pesquisa e como a gente pode levar as mudas para plantar.

(PK) O trabalho que estamos fazendo são algumas aldeias que já têm viveiro, e aqui como nós temos o Posto e tem o viveiro que é o principal, que é aqui no Posto Diauarum. Mas as aldeias também estão fazendo manejo de algum recurso, como da palha, já está saindo manejo de arumã e outros recursos também que a comunidade tem interesse de manejar, de fazer um trabalho, como para remédio, raízes que são usadas por nós, madeira e material que a gente faz artesanato. Isso é o pensamento, essa idéia da comunidade para trabalhar com esses recursos que a gente usa. Tem muita proposta, tem muito interesse da pessoa de cada comunidade, que eles querem fazer um trabalho qualquer só para não ter dificuldade de quando acabar com esses recursos e a gente precisar para o nosso uso também, acho que é isso que eu queria falar.

(YY) Então, na minha comunidade Yudja, o pessoal quer manejar os recursos que nós usamos como madeira para banco, canoa e remos, e também aqueles recursos que nós usamos para remédio e para outras coisas também. A comunidade decidiu no Tuba Tuba, eles falaram sobre isso.

P: Continuando, acho que seria interessante a gente falar um pouco sobre a relação do trabalho de manejo com os outros trabalhos que acontecem aqui no Xingu. Então quais são os outros trabalhos que acontecem aqui?

(SK) Com relação aos trabalhos de manejo, estão ligados com educação, saúde e apicultura, vigilância. Então o trabalho de manejo está ligado com os outros trabalhos. O trabalho do manejo é mais ligado com as escolas, porque na escola você tem mais como explicar para os alunos como são os cuidados com os recursos. Não somente os recursos entram nessa parte dentro da escola, também

os alunos devem aprender o manejo sobre como os recursos devem ser feitos. Além disso, a professora na escola planeja para fazer aula prática, ela não deve somente estar falando através do papel sem mostrar nada. Isso é papel do professor com relação ao manejo. Com vigilância também é a mesma coisa, como ela não deve destruir algumas coisas que estão na vigilância, então tudo isso é trabalho do manejo com o pessoal da vigilância. Com saúde ela é mais ligada como devem ser usados os recursos que são comidos pelas pessoas, o que deve ser comido pelas pessoas porque não faz mal, isso entra na parte da saúde. Ela é falada mais sobre a criação das abelhas também, como ela deve estar ligada, esse trabalho deve estar integrado com os outros trabalhos, então assim por diante a gente trabalha com manejo.

(PK) Então, esse relação do trabalho de manejo com outro trabalho, a gente trabalha junto para conseguir uma força, um jeito de manter o nosso trabalho, e continuar o nosso trabalho para que outro trabalhe e conheçam o nosso trabalho de manejo. Para que o trabalho que existe aqui no Parque andasse junto, para dar uma força para o outro cuidar do seu próprio trabalho. Para organizar o trabalho aqui dentro do Parque, por isso é importante a gente se juntar e trabalhar assim junto, para que nosso trabalho não fique separado do outro porque faz parte, o trabalho de manejo faz parte de qualquer trabalho, ele cuida de uma coisa que é de todos. A gente vive dentro de uma floresta e uma área reservada, e aí dentro tem vários tipos de alimento e de recursos que a gente não deve destruir, fazer mal trabalho que prejudica a nossa saúde principalmente, então por isso o trabalho que existe no Parque ele é unido com outros trabalhos, isso que eu penso e queria falar.

P: Quais os assuntos principais que vocês acham que devem entrar nos cursos e oficinas que são feitos para a formação dos agentes de manejo?

(SK) Os assuntos principais, num curso ou oficina de manejo, eu acho que tem mais a ver com os recursos que tem menos, justamente eu quero dizer que alguns

são muito destruídos, no caso da palha que é mais destruída, pelo menos a gente tem que conscientizar o nosso povo para que ele soubesse usar os recursos, para que ela não fiquem muito distante das aldeias, para que fica mais fácil de tirar. No caso da palha se ela for derrubada, se ela fica longe da aldeia às vezes o transporte é difícil, a dificuldade da população fazer uma casa e artesanato. De outra forma também tem importância de entrar na oficina o assunto da queimada. Queimada também destrói muito recurso que existe, no caso da embira que nós usamos, isso queima muito, e na hora de precisar fica pouco e as pessoas têm que andar muito. Outra coisa, os pássaros também, como o macaco e mutum e os tracajás também, não devem ser matados não, e alguns bichos não deve ser mortos matar porque algumas pessoas de alguns povos não comem o bicho que eles matam e jogam fora. Então tudo isso são os assuntos mais principais. Também precisamos discutir sobre o nosso artesanato que é feito pelos povos, tem poucas pessoas que fazem artesanato, e muito poucas pessoas sabem fazer artesanato. Por isso esse assunto é mais principal. No caso da peneira, também muitas pessoas não sabem fazer a peneira, mas alguns dos adultos mais jovens sabem fazer um pouco alguns desenhos mais fáceis de ser feitos pelas pessoas, os mais difíceis algumas pessoas não conseguem, somente aquelas pessoas que têm um pouco de sabedoria nesse trabalho. De outra parte, desenho, desenho na rede algumas mulheres mais moças, algumas tem hora que não conseguem fazer a rede sozinhas, então esses assuntos são mais principais para serem discutidos.

(PK) Por isso a preocupação sempre acontece no nosso curso de manejo, é isso que se trata, por isso algumas pessoas da nossa comunidade estão entendendo a parte de nosso trabalho. Por isso que estão existindo alguns pensamentos de lideranças sobre a criação de alguns animais que estão pouco, que estão se afastando, é uma coisa que nós, nossa mãe, no caso da terra preta também é uma preocupação de algumas aldeias, que já não está existindo mais terra preta mais próxima da aldeia, já estão cansadas, muito usadas. Por isso que alguns produtos que plantados dão muito fracos e não tem a produção melhor. Alguns lugares que têm algumas terras boas, que nós chamamos de capoeira terra preta,

elas andam pouco e têm oportunidade de fazer alguma coisa para sua comunidade.

(SK) Eu só vou completar um pouquinho aqui qual é o assunto mais principal, acho que depende do entendimento dos agentes de manejo e também da comunidade, se os agentes que participam do curso entenderem, e a comunidade entender o que já tem no curso, já sabe como trabalhar em cima disso, dá para trabalhar, agora se a pessoa não entender, os agentes e a comunidade não entenderem que têm dificuldade ainda de fazer o trabalho em cima de um recurso que eles têm preocupação, então em cima disso é que tem que fazer mais o curso para isso, para facilitar mais o trabalho dos agentes, para cuidar e fazer o trabalho. Também se a comunidade escolher algum recurso que eles acham mais importante que precisa manejar, então em cima disso que vai ser mais curso, para conhecer como que o recurso vive na floresta, no ecossistema, para saber como que se pode trabalhar com esse recurso, é isso que pode ser tratado.

P: Queria completar essa pergunta: vocês acham que tem importância estudar matemática, o português, ou é só o assunto direto do manejo mesmo, o assunto que a gente vê um pouco na teoria e faz um trabalho prático também.

(SK) Eu acho que não precisa, entrar diretamente só com os assuntos, é mais principal também ter uma medida, a distância do lugar que planta e melhoramentos no português, como se pode tratar disso? Que a gente quer acrescentar nosso trabalho em cima disso.

(PK) É mais importante também estudar um pouco da matemática porque o trabalho da gente não é só cuidar e fazer o trabalho, também tem que multiplicar o recurso, numerar os recursos e tem a medida, né? Tem que medir qual é o tamanho de cada recurso, então por isso a gente acha muito importante estudar um pouco matemática para que a gente saiba medir o recurso.

P: Vocês acham que o trabalho com os mapas entra no trabalho do manejo?

(SK) É importante trabalhar com os mapas porque ali você marca o ecossistema que existe para os recursos e nessa localização através do mapa é que você vai conhecer os ecossistemas onde existe o recurso, ali que dá para entender onde você vai encontrar.

P: Nós falamos um pouco dos cursos e oficinas, então eu queria perguntar para vocês como que deve acontecer o acompanhamento do trabalho dos agentes de manejo nas aldeias?

(PK) O acompanhamento que pode ser feito nas aldeias que já tem um movimento de trabalho, para ver o trabalho e orientar mais os agentes que trabalham com esse recurso e explicar mais para comunidade. Também, onde tem dificuldade precisa fazer um acompanhamento e o acompanhamento deve ser feito por técnicos, porque às vezes o próprio agente de manejo tem dificuldade também de passar para comunidade os assuntos que são tratados no curso, tem dificuldade de conversar e de explicar, então nessa aldeia precisa ter um acompanhamento técnico para ajudar a explicar para comunidade, para que eles entendam o trabalho de manejo.

(SK) O acompanhamento deve ser feito pelos técnicos junto com a diretoria dos agentes de manejo, para que ela conheça as dificuldades que o agente está passando e não somente fazer acompanhamento sobre os trabalhos. Tem também que ver o que ele está fazendo, como que ele está trabalhando, que tipo de apoio ele pode receber do técnico juntamente com a sua liderança e com sua comunidade, se está se comportando bem em seu trabalho, se realmente os agentes estão desenvolvendo bem o seu trabalho no dia a dia. Eu acho que assim vai melhorar o trabalho e entender mais o trabalho dos agentes dentro da sua comunidade para que a comunidade dê mais apoio para os agentes. Se não tiver

acompanhamento os trabalhos não devem funcionar, é isso que eu entendo dos trabalhos.

P: O acompanhamento é só para ir conversar com a comunidade, com o agente, ou tem algum trabalho prático junto com o agente lá na comunidade dele?

(SK) Esse acompanhamento não deve somente ser acompanhado e explicar os trabalhos, dentro do acompanhamento sempre acontece algumas pequenas oficinas que é uma aula prática para os agentes, para que ele tenha mais desenvolvimento, para que ele tenha conhecimento através de seus professores e seus orientadores.

P: Dentro do trabalho de formação do agente de manejo sempre foi conversado de ter estágio ou fazer algum curso fora do Parque do Xingu. Eu queria perguntar para vocês para que servem esses cursos e estágios que são feitos fora, qual é a importância deles para fortalecer a própria formação do agente de manejo?

(SK) O estágio que a gente quer participar assim fora do Parque do Xingu, esse intercâmbio seria mais importante para que a gente conheça mais idéias dos outros, para que a gente tenha mais desenvolvimento no nosso trabalho, para que nós possamos trazer outras informações que os outros que não moram no Xingu têm sentido no seu trabalho, e também conhecer mais o conhecimento dos outros. Também não é qualquer estágio que a gente precisa de estar participando, a gente precisa o que é interessado aqui no Parque para nós.

(PK) O estágio e o curso fora, isso é para capacitar mais a pessoa para entender mais de outro recurso que não tem aqui, conhecer como é a vida de outros recursos que outros povos trabalham, então, conhecer outros povos e mostrar também o nosso trabalho que existe aqui dentro do Parque para outras tribos, né? E para trocar um conhecimento entre nós com nossos parentes e procurar um

outro jeito de trabalhar e que serve aqui dentro para nós, por isso que a gente procura participar, fazer estágio fora do Parque.

P: Bom, nós estávamos falando de como é o trabalho do agente, a formação dele, o que pode entrar dentro da formação e vocês falaram algumas coisas sobre a comunidade, então eu queria perguntar como que os agentes podem trabalhar junto com a sua comunidade?

(SK) Para trabalho que pode ser feito na aldeia com a comunidade e liderança, explicando qual é o trabalho do manejo, para eles conhecerem e começar dar um apoio ao trabalho do manejo e também receber um apoio dos mais velhos que sabem muito bem a vida do recurso, para ver qual é a diferença do antigo para hoje. Então por isso que os agentes precisam trabalhar junto com a comunidade, principalmente dos velhos, e perguntar para eles como que era, qual era o manejo dos antigos e como está sendo feito agora, depois da mudança, depois que entrou em contato com os brancos, depois que mudou da sua terra mesmo, isso pode acontecer no manejo e com aldeia, isso que eu queria falar.

(PK) No trabalho com os agentes e com a comunidade, ele deve tratar de um assunto que vai ser tratado. Então a importância da participação da comunidade junto com os agentes, ela deve se desenvolver nos trabalhos que estão acontecendo e assim deve funcionar, porque se não fizer os trabalhos junto com a comunidade, a comunidade nunca vai entender o que é o trabalho do manejo. Pelo menos algumas coisas devem ser mostradas para que ela possa participar desse trabalho que os agentes estão fazendo, assim a comunidade fica entendendo o trabalho que os agentes mostram para ela, porque se não trabalhar junto ela não vai estar participando do nosso trabalho. Eu tenho um exemplo, vou pegar exemplo do meu lugar, na minha aldeia, lá existe um trabalho que a gente está tentando conservar, tentando não, a gente está fazendo os trabalhos junto com a nossa comunidade, no caso das sementes da planta da roça, isso é a participação da comunidade, assim deve trabalhar junto a comunidade.

(PK) Esse trabalho do manejo que a gente faz não é só para pessoa que está participando do curso, isso é para comunidade. Então por isso é muito importante ter a participação da comunidade, porque é a comunidade que escolhe o recurso para os agentes trabalharem, fazer o manejo desse recurso que a comunidade escolhe, porque a comunidade tem preocupação nisso, então é assim que o trabalho do agente aparece.

P: Outra pergunta que tem relação com o trabalho do agente com a comunidade, é a forma de organização das próprias comunidades. Aqui no Xingu existem algumas associações, existe uma associação que é mais geral, que está já bem forte hoje, que é a ATIX, e tem algumas outras associações, por exemplo a Associação do povo Yudjá que foi criada nesse ano. Então eu queria perguntar para vocês como é que pode ser a participação da associação no trabalho de manejo e como que pode ser a participação do pessoal do manejo dentro do trabalho e da vida das associações.

(SK) Na parte da associação, a participação da diretoria que trabalha dentro da associação, deve ser apresentados os trabalhos feitos pelos agentes durante o mês ou final do ano. Então a participação de pessoa da associação, ela deve acompanhar os trabalhos através da apresentação dos trabalhos que foi feito pelo agente. Outra participação da associação, ela deve estar junto dos agentes em alguns tempos, para que eles tenham esse tempo para participar junto com os agentes para visitar algumas aldeias, para ver como está o trabalho dos agentes. Assim é o funcionamento dos trabalhos com a associação, no caso, a gente tem uma central, que é um viveiro que faz parte da associação, onde fica a sede da associação, então dali é muito fácil de a associação participar do nosso trabalho e onde podemos fazer apresentação do nosso trabalho.

(PK) A participação da associação e da ATIX é muito importante, eu digo que é a sede do nosso trabalho, de todo trabalho que existe aqui no Parque. Então ela é

um chefe, alguma coisa assim, dos trabalhos que existem aqui dentro do Parque, então através dela que são enviados os projetos, os documentos que a comunidade prepara, por isso que é muito importante a associação conhecer o trabalho que é feito aqui dentro do Parque. É através dela que o trabalho funciona. Se não tiver a participação da ATIX e da associação, é muito difícil de entrar em contato com os outros, de arrumar um recurso que é para fazer o trabalho aqui dentro, por isso a ATIX é muito importante para facilitar o trabalho, todo trabalho que a gente tem aqui dentro do Parque.

P: A última pergunta trata da organização dos próprios agentes de manejo, queria perguntar para vocês como que vocês vêem a organização dos agentes, como é que está acontecendo a organização dos agentes, qual a importância dessa organização para vocês?

(SK) A importância da organização dos agentes, nós tivemos primeira organização. Só que essa organização quase não funcionou porque a nossa organização, a nossa coordenadoria era um chefe do posto que não dava conta de sair do posto para acompanhar nosso trabalho. Então o nosso trabalho, o trabalho dos agentes, ficava muito solto e inclusive representante que ficava dentro do posto quase não se comunicava nada. Então tivemos idéia de escolher nosso coordenador para os agentes e representante de assistência geral, para ver se funciona o nosso trabalho. Então chegamos num ponto que os próprios agentes escolheram a coordenadoria para coordenar o nosso trabalho. Assim que foi a nossa organização para criar oportunidade para falar com a diretoria da associação, para mostrar o nosso trabalho, apresentar o nosso trabalho. Agora, por isso estamos tentando organizar o nosso trabalho conforme a nossa programação, como nós vamos trabalhar, como se deve chegar em alguns lugares para acompanhar os trabalhos dos agentes. Não somente acompanhar os trabalhos, também para organizar o trabalho que foi feito pelos agentes, documentar, fazer relatório dos trabalhos e fazer um planejamento dos trabalhos e

do curso, e programar a visita nas aldeias, assim foi nossa organização, através dos agentes que a gente está fazendo.

(PK) A importância que a gente viu também é que a gente tinha dificuldade de organizar os trabalhos, nós mesmos. Porque esse trabalho que a gente estava fazendo já estava na hora de a gente mesmo se organizar, para que a gente mesmo se organize quando o técnico não estiver aqui dentro da área, para não ficar esperando o técnico que não estiver aqui. Então isso foi muito pensado, então por isso a gente teve idéia de criar uma coordenadoria que está organizando os agentes e passando alguma informação que a gente recebe de fora, de encontro, de curso fora do Parque. Também é para ajudar a organizar o curso junto com técnico, fazer o acompanhamento nas aldeias. Essa foi nossa idéia de fazer isso.

PARTE II - Subsídios para uma proposta curricular

FORMAÇÃO DE AGENTES INDÍGENAS PARA O MANEJO DE RECURSOS NATURAIS NO PARQUE INDÍGENA DO XINGU

Subsídios para uma proposta curricular

Instituto Socioambiental

São Paulo, 2002

SUMÁRIO

Visão da diretoria dos agentes de manejo sobre o trabalho de manejo de recursos naturais no Parque Indígena do Xingu	1
Contexto e histórico	14
Porque formar agentes de manejo?	16
O trabalho do agente de manejo	17
Agentes indígenas de manejo de recursos naturais do Parque do Xingu e cursos realizados	22
Proposta metodológica e estratégias pedagógicas	23
Pré-proposta curricular	27
Atividades de manejo em desenvolvimento	28
Atividades de formação desenvolvidas	30
Sugestão de conteúdos para a grade curricular	39
Avaliação do trabalho dos agentes	44
Documentação do projeto desenvolvimento de alternativas econômicas sustentáveis e manejo de recursos naturais no Parque Indígena do Xingu: relatórios, publicações e livros didáticos relacionados com o manejo de recursos naturais	46
Bibliografia de referência	51

FORMAÇÃO DE AGENTES INDÍGENAS PARA O MANEJO DE RECURSOS NATURAIS NO PARQUE INDÍGENA DO XINGU

Subsídios para uma proposta curricular

.....Pra mim tem três trabalhos importantes pra nós como o estudo das plantas da roça, recursos naturais também, nativos, e tem a produção de abelha, então a gente tem que levar esses trabalhos pra frente, eu espero que esse trabalho possa continuar e ficar mais forte, então espero que vocês também voltem para dar mais aula pra nós, pra nós aprendermos mais, e vocês também aprendem né? Com a gente. Vocês dão aula pra nós e a gente dá aula pra vocês também, então isso, a gente tem que levar esse trabalho pra frente e a gente tem que plantar esse trabalho, e a gente tem que conseguir, a gente tem que conseguir esses trabalhos e a gente vai chegar onde que a gente vai chegar, isso que eu queria falar (Mahurimã Yudja, representante dos agentes de manejo de recursos naturais, curso de Ecologia das Abelhas, Aldeia Tuba Tuba)

CONTEXTO E HISTÓRICO

O Parque Indígena do Xingu (PIX) foi criado em 1961, ao sul da Amazônia, no Estado do Mato Grosso. Tem uma área total de 2,8 milhões de hectares, onde vivem cerca de 5.000 indígenas de 14 povos diferentes. O local é uma zona de ecótono, com cerrados e florestas estacionais semidecíduais ao sul e floresta ombrófila Amazônica ao norte.

A região encontra-se em meio ao chamado Arco do Desmatamento, onde as Terras Indígenas formam ilhas florestadas em meio ao desflorestamento. No caso do Parque do Xingu esta situação é agravada pelo fato da cabeceira de todos os rios formadores do Xingu encontrarem-se fora de seus limites.

O modelo econômico vigente no entorno do Parque tem influenciado o comportamento cultural e social dos índios e seus hábitos alimentares, música, roupas, etc. Além disso, há imposição de padrões de consumo de bens industrializados alheios à cultura dos índios. Para suprir estas demandas são desenvolvidas atividades econômicas que provocam pressão sobre recursos naturais estratégicos.

O Instituto Socioambiental (ISA), em parceria com a Associação Terra Indígena Xingu (ATIX), desenvolve desde 1994 o Programa Parque Indígena do Xingu. O programa compreende cinco projetos integrados que promovem ações voltadas ao desenvolvimento sustentado para os povos do Parque. Neste contexto, iniciou-se em 1999 o Programa Educativo Economia, Ecologia e Cultura, somando esforços e ações dos Projetos Desenvolvimento de Alternativas Econômicas Sustentáveis e Formação de Professores Indígenas. A iniciativa representa uma proposta inovadora de educação ambiental, pois prevê a integração dos conhecimentos indígena e não indígena para a geração de um modelo participativo de gestão territorial. Aborda o resgate e valorização do conhecimento tradicional sobre o uso e manejo de recursos naturais, reforçando a transmissão de conhecimentos dos mais velhos para os mais jovens.

Inicialmente foram desenvolvidos módulos intensivos em duas aldeias Kaiabi e na aldeia Tuba Tuba do povo Yudja. O público em geral eram homens jovens, mas também as mulheres estiveram presentes. Vários idosos participaram como instrutores do conhecimento tradicional. No conjunto, 60 pessoas participaram destes treinamentos. A partir de 2000, passaram a ser desenvolvidos módulos do Programa Economia, Ecologia e Cultura no âmbito do Curso de Formação de Professores Indígenas. Foram desenvolvidos três módulos somando 70 horas-aula, envolvendo 50 professores de 14 etnias, que atuam em 30 escolas com 1150 alunos.

A experiência acumulada ao longo de três anos de trabalho e o contato contínuo com as comunidades indígenas que habitam a área norte do PIX, possibilitou o desencadeamento de um processo de Formação de Agentes Indígenas para o Manejo de Recursos Naturais. O primeiro curso ocorreu em dezembro de 2000; até o momento foram realizados 4 cursos, diversas oficinas e acompanhamento nas aldeias com participação de 27 jovens dos povos Kaiabi, Yudja (Juruna), Kĩsêdjê (Suya) e Ikpeng.

Em todos estes cursos são produzidos materiais didáticos e mapas de autoria dos índios, que permitem a reflexão e uma nova prática para a gestão territorial e para o manejo de recursos naturais.

Durante a realização do 4^a curso, a organização política dos agentes foi fortalecida com a eleição de uma diretoria para o manejo. Em seguida houve uma reunião desta diretoria com lideranças e representantes da ATIX, onde esta foi apresentada e reconhecida.

Porque formar agentes de manejo?

A formação dos AIMAREN surgiu de uma demanda apresentada pelas comunidades, tendo em vista a demarcação do Parque, a sedentarização das aldeias e as mudanças que vêm ocorrendo no uso e manejo de alguns recursos naturais em decorrência do processo de contato com a sociedade não indígena. Assim, os efeitos destas mudanças começam a ameaçar a sustentabilidade e reprodução sociocultural e ambiental dos povos indígenas xinguanos: falta de terras boas para plantio, perda de variedades de plantas da roça, falta de madeiras e palha para cobrir as casas, baixa disponibilidade de frutas para consumo das comunidades; falta de matérias-primas para o artesanato, baixa disponibilidade de caça, entre outros.

Cada comunidade define seus interesses e ações de manejo que deseja desenvolver nas aldeias. O agente de manejo é o interlocutor e desencadeador do trabalho, que acontece com a participação ativa das comunidades. É importante que a construção de caminhos para a gestão sustentável do território xinguanos aconteça com a integração entre o referencial e os conhecimentos indígenas e elementos trazidos da ciência não indígena, quando pertinente.

Deve-se levar em conta que cada recurso ou conjunto de recursos exige a estruturação de uma estratégia de ação, que não necessariamente significa desenvolver novas técnicas. Às vezes, uma técnica tradicional abandonada pelas comunidades pode ser retomada para a recuperação populacional do recurso, como o caso do manejo do inajá pelos Yudja.

O manejo de recursos naturais mudou hoje porque está começando a diminuir. Antes da demarcação do Parque o povo não tinha preocupação com os recursos naturais, porque o território era muito grande.

Mas hoje em dia, o parque está demarcado e as fazendas estão chegando perto, por isso precisamos manejar os nossos recursos para que eles existam futuramente.

Para melhorar o manejo de recursos naturais precisamos nos reunir com as comunidades e explicar como podemos cuidar dos recursos, como não queimar a floresta, não perder as sementes das plantas e não usar as capoeiras que já foram usadas.

Só podemos plantar as plantas na roça que tem terra boa para a planta nascer bem.

*Marrurimã Juruna, Yassariku Juruna,
Tawayaku Juruna Tawaiku Juruna e Mawaré Juruna*

O TRABALHO DO AGENTE DE MANEJO

O que você espera do curso de manejo de recursos naturais?

Eu espero que funcione o curso de agentes de manejo nas aldeias do Xingu, para trazer de volta coisa boa para a comunidade e espero também levar o trabalho de manejo para frente e aprender a manejar os recursos naturais para minha comunidade. Mostrar para comunidade como que é o manejo, contar para minha comunidade o que estou aprendendo nestes cursos de manejo para ser repassado para eles, para eles entenderem o que é manejo e o que é viveiro.

Também quero sempre ter pensamento para não deixar os recursos naturais em ameaça de extinção, e trazer também quais os alimentos que perdemos para os outros terem confiança neste trabalho.

Jawarete Kaiabi, 13/10/2001

Espero aprender um pouco mais o que não sei, como fazer o germinador e colocar as plantas no saquinho. E espero aprender outras coisas que não foram ainda dadas no curso de manejo. Para eu levar para a minha comunidade, e explicar para eles o que aprendi durante esse curso. Espero que o curso aconteça para sempre, para eu participar e aprender melhor sobre o manejo de recursos naturais e levar o meu trabalho para frente e ter apoio da comunidade.

Mawaré Yudja, 13/10/01

Eu espero aprender nesse curso de manejo como se maneja os recursos que nós temos e o que nós queremos ter para o futuro. Depois passar para a comunidade o que aprendi, para a comunidade ajudar a fazer esse trabalho junto conosco, agentes de manejo.

Também espero depois o apoio da comunidade e das pessoas que quiserem ajudar, porque eu tenho vontade de fazer este trabalho porque eu não quero ficar mais para frente sem ter um recurso que precisamos, principalmente recursos da roça - os alimentos. Isso é a minha esperança e preocupação, se a comunidade entender vai ter a preocupação. Também eu acho muito importante o curso de manejo de recursos naturais porque eu aprendo e vou fazer na aldeia. Por enquanto era isso, agradecemos.

Pirapy Kaiabi, 13/10/2001

O manejo serve para desenvolver mais conhecimento sobre os recursos naturais

O curso que estamos fazendo serve para trazer de volta e recuperar os alimentos que estão desaparecendo, também ajuda a levar o conhecimento sobre manejo para as comunidades preservarem as sementes, o mato. Serve para recuperar algumas coisas. Serve para controlar o manejo. A participação da comunidade é muito importante neste trabalho. Ela pode ajudar dando informações sobre plantio, cuidados e preservação das sementes e colheitas, onde a semente pode ser guardada e unir as comunidades com todos participando neste trabalho.



Terceiro curso de Manejo de Recursos Naturais
PI Diauarum, outubro de 2001

A ligação da escola com o manejo é acompanhar o plantio junto com os alunos, para que conheçam mais sobre este assunto, isto é, para que não percam suas sementes, patrimônio do seu povo. O professor também pode ensinar este conhecimento para os alunos na sala de aula.

Precisamos da ajuda do cacique junto com a comunidade da aldeia, e do técnico acompanhando o crescimento do trabalho de cada povo.

O manejo se relaciona com a cultura porque estuda os recursos naturais que são próprios de cada povo. Através do estudo do manejo de recursos naturais vimos que algumas coisas da nossa cultura estão sendo esquecidas: sementes, jeito de plantar, jeito de cuidar, jeito de guardar. E por isso algumas tradições e costumes também vão mudando. Então queremos mudar um pouco isso com o apoio das comunidades junto com o técnico.

*Maijup Kaiabi
Muatari Kaiabi
Tary Kaiabi
Yauarete Kaiabi
Jewyt Kaiabi
Pikuruk Kaiabi*

Manejo e Cultura

As tradições (música, festa) precisam ser preservados, através do trabalho de manejo que é parecido com o trabalho na escola para unir os recursos e as tradições da comunidade, e fazer uma recuperação dentro da comunidade, junto com os professores, para não perder o jeito antigo de manejo, pode entrar o jeito novo de manejo para recuperar os recursos que estão correndo risco de acabar. Por isso devemos levar este trabalho para a nossa comunidade, eles devem ficar de acordo com este trabalho de manejo dos recursos naturais, fazendo a pesquisa em cada aldeia, buscando os recursos e tradições que estamos perdendo e não podemos perder...

A comunidade precisa se preocupar com esses costumes e tradições da gente, porque cultura e manejo são do mesmo jeito, por isso nós precisamos fortalecer a cultura e também os nossos recursos naturais da roça.

O manejo serve para manter os recursos naturais, não deixar perder as sementes, procurar jeitos de manter novamente as plantas e não pode deixá-las acabar e para respeitar a terra cansada. Também não podemos destruir a mata que está crescendo. Matar animais de brincadeira, aves, peixes, não pode fazer

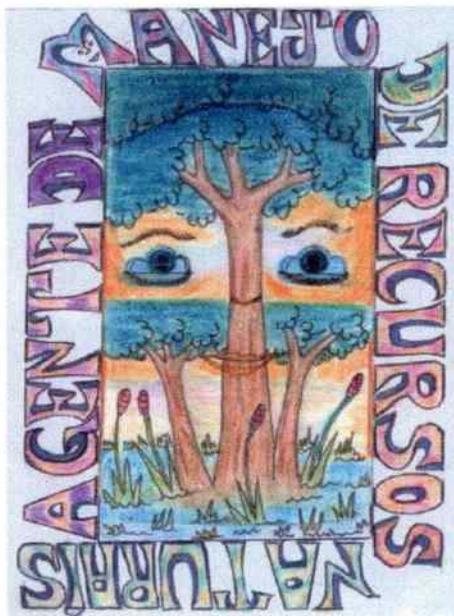
isso. Se você está fazendo isso, você está fazendo mal manejo com os recursos naturais. Para isso que serve o manejo, para respeitar os recursos naturais.

Nós precisamos pedir ajuda para a comunidade, para a comunidade pedir apoio de materiais para nós podermos trabalhar com nossos recursos. Além disso precisamos da ajuda dos mais velhos e velhas para pesquisarem em conjunto com a gente, para nós podermos aprender a pesquisar os recursos naturais com eles.

E também precisamos de acompanhamento na aldeia com pessoas de fora que trabalham no projeto de curso de manejo e de ciência da roça.

A comunidade tem que ajudar a trabalhar e pesquisar na própria aldeia e em outras aldeias. Para tirar dúvidas, precisa reunir, contar as preocupações deles, o que estão pensando. Explicar para a comunidade o que nós estamos aprendendo no curso de manejo.

Furiga Ikpeng e Fabio Wayge Ikpeng



Desenho: Myaiup Kaiabi

**Agentes Indígenas de Manejo
de Recursos Naturais do Parque do Xingu e cursos realizados**

agentes	aldeias	cursos realizados			
		I	II	III	IV
1. Furiga Ikpeng	Moygu	-	X	-	X
2. Yamaradi Yudja Kĩsédje	Pequizal				
3. Janin Kaiabi	PI Diauarum	-	X	X	X
4. Jawarete Kaiabi	Moitara			X	X
5. Jemyt Kaiabi	Sobradinho	X	X	X	X
6. Kokoyatene Kĩsédje	Roptotxi				
7. Kuaywu Kaiabi	Três Irmãos	X	X	-	X
8. Kumanu Yudja	Tuba Tuba				
9. Mahurimã Yudja	Pakisamba	X	X	X	X
10. Matariowy Kaiabi	Ilha Grande	X	X		
11. Maware Yudja	Tuba Tuba	X	X	X	X
12. Jurupiat Kaiabi	PI Diauarum	-	-	X	X
13. Myajup Kaiabi	Kururu	X	X	X	X
14. Pirapy Kaiabi	Barranco Alto	X	X	X	X
15. Porompi Ikpeng	Moygu	-	?	X	X
16. Sirawan Kaiabi	Kwaruja	X	X	X	X
17. Takapejuwi Kaiabi	PI Diauarum	-	-	-	X
18. Tamakari Kaiabi	Tuiarare	-	-	X	X
19. Taradju Yudja	Pakisamba				
20. Tawaiku Yudja	PI Diauarum	-	X	X	X
21. Tawajaku Yudja	PI Diauarum	-	X	X	X
22. Teto Kĩsédje	Ngojwere				
23. Wayge Ikpeng	Moygu	-	X	X	X
24. Wetkere Tapayuna Kĩsédje	Rikoh	-	X	X	X
25. Xibĩdĩ Yudja	Tuba Tuba	X	X		
26. Yasariku Yudja	Tuba Tuba	X	X	X	X
27. Yowapina Kaiabi	Maraka	-	-	-	X

PROPOSTA METODOLÓGICA E ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS

A estratégia pedagógica utilizada na formação dos agentes representa um desafio que consiste em aliar os conhecimentos tradicionais dos povos com os quais trabalhamos e os conhecimentos e técnicas necessárias da cultura não-indígena para a realização do trabalho de manejo e para a construção de um novo conhecimento tanto para ambas as culturas. Portanto a estratégia e metodologia usadas nos cursos realizados foram sendo delineadas durante o próprio processo e tiveram como referência a experiência do Curso de Formação de Professores do Parque Indígena do Xingu – realizado pelo Instituto Socioambiental (ISA), a experiência de Formação dos Professores Indígenas do Acre, assim como a Formação dos Agentes Agroflorestais Indígenas, ambos realizados pela Comissão Pró Índio do Acre (CPI/Acre), entre outros trabalhos similares.

Nesta perspectiva, a metodologia proposta e utilizada se identifica e procura ter como fundamento basicamente duas correntes metodológicas: a teoria cognitiva do construtivismo, utilizada nos cursos e oficinas, e a filosofia do manejo participativo de recursos naturais, no desenvolvimento do trabalho junto com as comunidades .

A teoria do construtivismo tem como principais marcos teóricos os pesquisadores Jean Piaget, Vigotsky e Wallon. Em linhas gerais, esta teoria leva em conta a interação que o indivíduo tem com seu ambiente, sendo o aprendizado construído com base na fase de desenvolvimento do indivíduo. Isto é, o processo de ensino aprendizagem é um diálogo constante entre educador/educando, em que o educador procura levantar o conhecimento prévio que o aluno tem sobre um determinado assunto que se pretende trabalhar e com esta base vai estimulando, dando recursos e informações para que ele possa ampliar seu campo de conhecimento sobre aquele assunto. Este processo busca valorizar o conhecimento e as hipóteses sobre algum objeto de conhecimento que o educando construiu, estimulando sua criatividade, autonomia e os valores socioculturais próprios. O educador tem o papel de orientar, sistematizar os conhecimentos prévios, trazer novas informações e instrumentalizar este processo.

“Por apropriação construtiva, entende-se a internalização da informação feita pelo aluno a partir de variáveis compreendidas pelo gênero/idade: o aluno incorpora a informação, a constrói internamente, a partir de esquemas culturais e cognitivos próprios – ele assim (re) constrói a informação, a faz sua, e é capaz de aplicá-la em seus próprios termos.” (CPI/1995)

É importante salientar a contribuição de Paulo Freire para a educação e seu desenvolvimento metodológico: ampliou a teoria do construtivismo para o contexto do Brasil, propôs uma pedagogia sociocultural, em que o processo de ensino/aprendizagem acontece através de temas geradores. Neste se problematiza o objeto de conhecimento, partindo da realidade ou contexto do aluno, ou seja daquilo que é mais significativo para ele. Desta forma ele busca que o aluno faça uma leitura da realidade de maneira consciente e crítica.

Outra metodologia utilizada, para o trabalho nas aldeias, é a abordagem participativa. As técnicas participativas para a análise, planejamento, implementação, monitoramento e avaliação de atividades de desenvolvimento estão sendo cada vez mais utilizadas por organizações governamentais e não governamentais que operam a nível local. Estas técnicas fazem parte de um conjunto de atitudes em direção a troca de experiências, aprendizagem mútua e análises estruturadas porém flexíveis (IIED, 1998).

A metodologia adotada pelo manejo participativo ou comunitário de recursos naturais têm sua origem em técnicas aplicadas principalmente pela sociologia rural, como avaliação rural rápida (RRA). A Avaliação Participativa Rural (PRA) deriva em grande parte da RRA, abrangendo um conjunto crescente de métodos e maneiras de trabalho nas quais populações locais são instrumentalizadas para compartilhar, incrementar e analisar seus conhecimentos e condições de vida para planejar e implementar ações (IIED, 1994).

A abordagem participativa envolve os assessores em uma auto-consciência crítica das suas atitudes e comportamentos em relação aos povos com os quais eles trabalham. Diálogo aberto e trocas mútuas tornam o método efetivo e ajudam

a sustentar e fortalecer o processo de desenvolvimento participativo do qual eles fazem parte (IIED, 1998).

A idéia geral dos métodos participativos é instrumentação das comunidades para a gestão autônoma dos seus territórios: capacitadas para planejar, implementar ações e avaliá-las segundo suas próprias prioridades e interesses e de acordo com suas culturas e tradições. No caso do manejo de recursos naturais, nosso interesse é que as comunidades e agentes atuem juntos nas diversas etapas da implementação de um trabalho de manejo:

- identificação dos recursos que pretendem manejar
- definição do planejamento das etapas de ação: quais os trabalhos que precisam ser feitos, quem vai fazer, quando e como, quais materiais serão necessários
- implantação conjunta das ações
- acompanhamento (ou monitoramento)
- avaliação dos trabalhos

Diante das experiências de trabalho nesta área, destas teorias educacionais e do manejo participativo, pretendemos elaborar uma proposta curricular que dê condições necessárias para realização de uma formação profissionalizante para o manejo de recursos naturais e que viabilize a prática deste trabalho. A estratégia pedagógica adotada deve seguir os seguintes princípios:

- Integração de conhecimentos e técnicas de uso e manejo dos recursos naturais da cultura não indígena com aqueles das culturas indígenas.
- Resgate, valorização, registro e divulgação dos conhecimentos dos povos indígenas do Xingu sobre classificação, uso e manejo dos recursos naturais.
- Incentivar e valorizar a participação de pessoas mais velhas em atividades educativas e nas práticas de levantamento e manejo de recursos naturais.
- Valorizar e promover o uso das línguas indígenas nas atividades educativas.
- Promover discussões periódicas com as associações indígenas, lideranças e comunidades nas aldeias sobre o trabalho dos agentes de manejo.

- Promover a integração dos agentes com os professores e escolas indígenas e outros tipos de funções desempenhadas nas aldeias, como monitores de saúde, apicultores e chefes de PIV'S.
- Realizar acompanhamento técnico do trabalho dos agentes diretamente nas aldeias.
- Promover atividades de intercâmbio entre os agentes do Xingu e outros trabalhos de manejo sustentável de recursos naturais existentes no Brasil
- Incentivar o fortalecimento da organização política dos agentes de manejo em direção a gestão autônoma de seu trabalho.

PRÉ-PROPOSTA CURRICULAR

Esta organização preliminar de conteúdos, visa subsidiar a construção de uma proposta curricular para os AIMAREN do Xingu. Os conteúdos e temas selecionados, das disciplinas básicas e das aplicadas, representam interesses e demandas apresentadas pelas comunidades do Xingu e pelos agentes de manejo.

A formação compõe-se de quatro atividades: cursos, oficinas, acompanhamento nas aldeias e intercâmbios:

Cursos: etapas intensivas da formação dos agentes. Os cursos acontecem por um período variável, geralmente no mínimo dez dias, duas vezes por ano. Pretende-se priorizar cada vez mais a realização de cursos nas aldeias, pois permite maior interação com as comunidades, aplicação das práticas diretamente nos ecossistemas e sobretudo, possibilita a participação ativa das pessoas mais velhas, detentoras de um grande conhecimento sobre os recursos naturais e seu manejo.

Oficinas: pequenos cursos ou reuniões direcionados a assuntos específicos, geralmente contemplando grupos de agentes (por povo, ligados a um trabalho específico, diretoria do manejo etc), como por exemplo, oficina com a diretoria do manejo para elaboração de projeto para buscar financiamento.

Acompanhamento: acompanhamento técnico dos trabalhos em andamento nas aldeias, com participação de assessores e dos próprios agentes, quando possível.

Intercâmbios: parte da formação complementar dos agentes. O intercâmbio com outros projetos e iniciativas, bem como a realização de cursos específicos fora do Parque têm ocorrido desde o início do trabalho.

As disciplinas que compõem a formação dos agentes de manejo baseiam-se em referências do Curso de Formação de Professores Indígenas do PIX (ISA, 1997; 2001) e nos trabalhos realizados pela CPI/AC para a formação de professores e agentes agroflorestais indígenas (CPI/1995; 2000).

Para melhor aproveitamento da formação para o trabalho profissionalizante de manejo, é desejável que o agente esteja freqüentando a escola de sua aldeia ou já tenha concluído o 1ª e 2ª ciclos do ensino fundamental da educação escolar indígena.

Dentro desta proposta busca-se integrar conhecimentos da complementação da escolaridade e aspectos técnicos do trabalho de manejo.

ATIVIDADES DE MANEJO EM DESENVOLVIMENTO

PI DIAUARUM

- **Viveiro central e plantio de frutíferas:** em 1998, foi implantado o primeiro viveiro de mudas do Parque Indígena do Xingu, no Posto Indígena do Diauarum.

ALDEIAS

- **Sistemas agroflorestais:** a implantação de sistemas agroflorestais para manejo integrado de diversos tipos de recursos, bem como o enriquecimento de quintais domésticos com frutíferas, encontra-se em fase inicial de desenvolvimento em algumas aldeias. Até o momento existem viveiros para a produção de mudas nas aldeias: Tuiararé, Pakissamba e Tuba Tuba.
- **Manejo do inajá:** o inajá (*Maximiliana maripa*, *Arecaceae*) é uma palmeira que faz parte do sistema de roças e capoeiras, cujas folhas são utilizadas na cobertura das casas. o tipo de manejo praticado pelas comunidades xinguanas, envolvendo a derrubada da árvore, tem levado a uma diminuição de suas populações na região de algumas aldeias. O trabalho de manejo envolve o levantamento da situação da disponibilidade do inajá em cada aldeia, buscando realizar um planejamento participativo do uso do recurso, aliado a aplicação de técnicas para corte da palha e evitando assim a derrubada e morte da árvore.
- **Manejo do arumã:** o arumã (*Ischnosiphon gracilis*, *Marantaceae*) é uma fibra utilizada na confecção das peneiras Kaiabi desenhadas, atualmente há uma

escassa disponibilidade deste importante recurso na área do PIX. em 2000 iniciou-se o inventário de 2 populações naturais de arumã na região da aldeia Sobradinho. Em 2001 foi realizado o plantio experimental de 200 mudas de arumã em dois ecossistemas com diferentes intensidades de luz, com participação de 8 agentes. Em 2002, deu-se continuidade ao inventário das populações naturais para conhecer a dinâmica ecológica deste recurso. Houve também monitoramento do plantio experimental, na aldeia Sobradinho Kaiabi, de 10 a 18 de julho, com a participação de 4 agentes de manejo, dois assessores, mulheres, velhos e lideranças.

- **Manejo, resgate e conservação de plantas da roça:** trabalho que evolui o resgate dos conhecimentos tradicionais relacionados com atividade agrícola para recuperação e multiplicação das sementes das plantas tradicionais da roça de cada povo.
- **Meliponicultura:** Atualmente estamos utilizando cinco modelos de caixas em processo experimental. Vários contatos e visitas foram realizados, mas com o desconhecimento de especialistas com relação as espécies endêmicas do Xingu torna-se necessário uma observação mais sistemática do desenvolvimento dos enxames instalados. A estratégia foi a diminuição de espécies inicialmente trabalhadas, proveniente de um trabalho participativo visando identificar espécies promissoras para produção de mel. Hoje seis aldeias participam desta atividade, totalizando 27 colmeias instaladas com 4 espécies de abelhas indígenas, envolvendo 10 meliponicultores de três etnias. Realizada a visita de Fernando Oliveira (coordenador do projeto Iraquara – AM) ao PIX no período de 05 a 17 de maio. Foram visitadas as seis aldeias atuantes com abelhas nativas, com perspectivas de adequação dos modelos de caixas existentes no PIX. A partir desta visita, incluiu-se mais um modelo de caixa desenvolvido pelo próprio especialista, que a utiliza no Amazonas com bastante sucesso na reprodução de enxames.

ATIVIDADES DE FORMAÇÃO DESENVOLVIDAS

Cursos de formação dos AIMAREN

CURSO	PERÍODO	LOCAL	CONTEÚDOS	Nº PARTICIPANTES
<p>I CURSO Introdução ao manejo de recursos naturais</p>	<p>1 a 6 de dezembro de 2000</p>	<p>P.I. Diauarum</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conceito de recurso natural • Conceito de manejo • Conceito de produto • Pesquisa sobre recursos naturais • Conceito de ecossistema • Intercâmbio na FOIRN • Experiência prática do plantio do taquari • Atividade prática de manejo: <ul style="list-style-type: none"> - Roteiro para descrição do ecossistema - Elaboração de relatórios sobre atividades práticas - Apresentação dos grupos 	<p>22 agentes</p>

CURSO	PERÍODO	LOCAL	CONTEÚDOS	Nº PARTICIPANTES
II CURSO Ciência da roça	17 a 27 de maio de 2001	P.I. Diauarum	<ol style="list-style-type: none"> 1. História <ul style="list-style-type: none"> • origem das plantas da roça • história de plantas / dono / protetores • mitos e festas relacionados com atividades agrícolas – apresentação cultural Yudja 2. as nossas plantas <ul style="list-style-type: none"> • diferentes plantas da roça no Xingu • conhecimentos sobre botânica (partes de plantas e estruturas reprodutivas) • tipos de plantas e hábitos de crescimento • calendários da natureza e ciclo agrícola • especialistas em plantio • cuidados agronômicos, mágicos e rituais na roças 3. ambientes das roças: caracterização e 	25 agentes

			<p>cartografia</p> <ul style="list-style-type: none"> • tipos de matas e tipos de terras, localização e formas de acesso • a roça velha • situação das capoeiras de terra preta nas proximidades das aldeias • mapas de capoeiras boas e capoeiras cansadas <p>4. reprodução e conservação de materiais genéticos</p> <ul style="list-style-type: none"> • depoimento de idosos Kaiabi • origem de sementes / mudas • tipos / variedades diferentes • fontes de materiais reprodutivos • listagens de materiais perdidos • cuidados com a semente, antigamente e hoje • mudanças após o contato / recentes <p>estratégias para trabalhar com materiais escassos no PIX: resgate e multiplicação</p>	
--	--	--	--	--

CURSO	PERIODO	LOCAL	CONTEÚDOS	Nº PARTICIPANTES
<p>III CURSO</p> <p>Manejo de recursos da floresta</p> <p>Módulos:</p> <p>1) Métodos de trabalho para o manejo de recursos naturais</p> <p>2) Introdução aos Sistemas Agroflorestais (convidado: Jorge Vivan – EMATER/RS)</p> <p>Espaço para discussão sobre organização dos agentes e trabalho nas aldeias</p>	<p>13 a 25 de outubro de 2001</p>	<p>P.I. Diauarum</p>	<p>MÓDULO 1</p> <ul style="list-style-type: none"> • Retomada do conceito de manejo • Tipos de manejo • Tipos de recursos naturais em função do manejo • Pesquisa sobre recursos naturais • Características ecológicas dos recursos naturais • Seleção de recursos naturais importantes para o trabalho no PIX • Métodos de trabalho para o manejo: inventário de recursos naturais e suas aplicações; parcela; área de estudo • Atividade prática sobre inventário de diferentes tipos de recursos • Elaboração de relatório sobre a atividade prática • Apresentação dos grupos • Critérios importantes para o manejo de recursos naturais <p>MÓDULO II</p> <ul style="list-style-type: none"> • Saber ecológico • Janela da vida (luz, água e nutrientes) • Sucessão ecológica • Economia 	<p>17 agentes</p>



			<ul style="list-style-type: none">• Roteiro para implantação para o quintal agoflorestal:- Definição da área- usar a janela da vida para fazer um zoneamento- seleção de recursos – ver o que já tem – fazer lista de recursos segundo suas características em relação a sucessão natural- estudar formas de propagação dos recursos selecionados• fazer o projeto ou desenho do Quintal• implantação de um quintal no P.I. Diauarum em dois tipos de ambientes• elaboração de croquis• relatório do plantio	
--	--	--	--	--

CURSO	PERÍODO	LOCAL	CONTEÚDOS	Nº PARTICIPANTES
<p>IV CURSO</p> <p>Manejo do Inajá</p> <p>Espaço para discussão sobre organização dos agentes e trabalho nas aldeias</p> <p>Eleição da diretoria do manejo</p>		Aldeia Maraká	<ul style="list-style-type: none"> • retomada do conceito de manejo de recursos naturais • trabalho com apostila sobre o manejo de recursos naturais • ecologia do inajá: estudo de como o inajá vive (tipos de terra, crescimento, animais da floresta, abelhas, o manejo de roças e o aparecimento dos inajazais). • Estudo do conceito de paisagem: Terra preta x Inajazal x roça e outros usos. • Mapeamento da paisagem incluindo Inajazais e Terra preta • visitas nas áreas de manejo de palha para observar tempo de corte, a rebrota das folhas, tipo de terra, idade da planta, proximidade da aldeia. • visita ao Inajazal velho • Observação da densidade e características produtivas. Prática de corte da palha. • Sistematização das etapas do corte da palha • Segurança no trabalho de corte de palha. 	25 agentes

- **Programa Ecologia de Abelhas:** é um trabalho educativo de resgate cultural e valorização do conhecimento indígena sobre a biodiversidade e ecologia de abelhas no Parque do Xingu. Abrange quatro povos que desenvolvem a atividade de apicultura: Kaiabi, Yudja, Kisêdjê (também conhecido por Suyá). Foram realizados quatro cursos, com atividades teóricas e práticas nas escolas e nos ecossistemas em volta das aldeias. Está prevista a publicação de um livreto contendo a visão das comunidades indígenas e de especialistas não índios sobre as relações ecológicas entre a abelha europeia africanizada (*Apis mellifera*) e as abelhas indígenas no Brasil. Cursos realizados:
 - Aldeia Moygu Ikpeng (2 apicultores, 3 agentes de manejo, 4 professores, 3 mulheres, 3 velhos, 1 cacique/pajé e 3 assessores),
 - Ngojwêrê Kisêdjê (1 apicultor, 3 professores, 3 velhos, 1 cacique, 1 pajé, 8 estudantes, 1 agente bucal, 1 agente de saúde e 2 assessores),
 - Tuba Tuba Yudja (3 apicultores, 4 agentes de manejo, 3 professores, 1 cacique, 1 agente de saúde, 7 alunos e 2 assessores).
 - Kwaruja Kaiabi (1 cacique/pajé, 1 velho, 1 velha, 3 agentes de manejo, 1 professor, 4 apicultores 1 agente de saúde e 3 assessores)Participaram pessoas mais velhas, professores, apicultores, pajés e agentes de manejo.

OFICINAS

- **Elaboração de projetos:** Elaboração de um projeto para obter recursos para o trabalho do manejo. Oficina com diretoria do manejo no PI Diauarum, de 01 a 03/05/02.
- **Resgate e conservação de sementes de plantas da roça:** Oficinas sobre Ciência da roça com Angela Cordeiro – junho. Aldeias Kwaruja Kaiabi (9 agentes de manejo, mulheres, velhos, lideranças e 3 assessores) e Tuba Tuba Yudja (9 agentes de manejo, 5 professores, mulheres, velhos, lideranças e dois assessores).

- **Avaliação do diagnóstico da situação do trabalho nas aldeias:** Encontro de trabalho da diretoria do manejo com assessores para fazer um resumo da situação dos trabalhos dos agentes de cada aldeia, listar recursos naturais que as comunidades querem manejar e fazer uma avaliação geral do trabalho. Com base nisto, foram identificados temas para serem trabalhados em cursos, oficinas e acompanhamento técnico e feito um planejamento das ações a serem realizadas no segundo semestre de 2002. Diauarum, 24 a 27 de julho.

ACOMPANHAMENTO

- **2001** – Foram realizados dois ciclos de acompanhamento nas aldeias, com ênfase para o trabalho de resgate, manejo e conservação de sementes das plantas da roça. O acompanhamento da situação das aldeias em relação à situação da disponibilidade e manejo do inajá foi efetuado em aldeias Kaiabi, Yudja e Suyá.
- **2002** – No primeiro semestre, realizou-se o acompanhamento técnico em todas as aldeias do norte do PIX, onde o trabalho de manejo está sendo desenvolvido. Durante as visitas nas aldeias, foram tratados com os agentes e comunidades os seguintes assuntos: relação do agente com a comunidade; avaliação do trabalho do agente e do processo de formação como um todo; recursos naturais que a comunidade quer manejar; recuperação das sementes da roça e programação para o segundo semestre de 2002. Como resultado deste trabalho, foi elaborado um documento contendo uma síntese da situação das aldeias, apresentado na Parte III deste documento.

INTERCÂMBIOS E CURSOS FORA DO PIX

Intercâmbio Xingu-Acre - Viagem de intercâmbio de três índios representantes da ATIX e assessores do Programa Parque Indígena do Xingu / Projeto de apoio ao desenvolvimento de alternativas econômicas sustentáveis para etnias xinguanas, ao Curso de Formação de Agentes Agroflorestais Indígenas - AAFI, promovido pela Comissão Pró Índio do Acre, e a outras experiências de manejo de recursos naturais no Estado do Acre. Período: 16 a 30 de junho de 2001.

Estágio em outras instituições – Estágio supervisionado nos projetos do laboratório de silvicultura tropical do Departamento de Ciências Florestais da Universidade de São Paulo - Escola Superior de Agricultura Luís de Queiroz – janeiro de 2001.

Workshop cultivando diversidade - Participação no Workshop Internacional sobre manejo local da Agrobiodiversidade, promovido pelo GRAIN, em Rio Branco, Acre, de 19 a 29 de maio, com a presença de Tuairajup Kaiabi representando a ATIX e um assessor do ISA.

Curso de sementes florestais - Curso sobre sementes florestais – Pronatura / MMA, de 1 a 6 de agosto de 2002, Juína MT. Participação de Marcus V.C. Schmidt, Wetkere Tapayuna Suya, Yasariku Yudja, Yarete Kaiabi e Tapajuwi Kaiabi.

PRINCIPAIS REUNIÕES

- **Reunião do Inajá** – realizada no PI Diauarum entre 04 e 05 de setembro de 2001, com participação de assessores do ISA, lideranças, equipe da ATIX, mulheres e agentes de manejo. Foram discutidos aspectos relativos à produção de óleo de inajá e ao manejo da palha para cobertura de casas.
- **Com lideranças e representantes da ATIX:** Reuniões de trabalho da diretoria dos agentes de manejo com a diretoria da ATIX, para prestação de contas das atividades realizadas e planejamento dos trabalhos. Março, maio e julho.

SUGESTÃO DE CONTEÚDOS PARA A GRADE CURRICULAR

1. DISCIPLINAS DE FORMAÇÃO BÁSICA

LÍNGUAS

Língua Indígena

- Elaboração de diferentes tipos de textos, materiais didáticos, histórias e levantamentos nas línguas indígenas; realização de entrevistas, tradução de idéias e conceitos para as comunidades.

Português

- Domínio de diferentes tipos de texto: carta, relatório, histórias, radiograma, descrição, projeto, diário, jornal, cartaz, entrevista, textos instrucionais, receitas.
- Consulta a dicionário.
- Melhoria da habilidade de escrita da língua portuguesa: ortografia, acentuação, concordância (gênero, singular e plural).
- Elaboração de materiais didáticos

MATEMÁTICA

- Sistemas de medidas: de comprimento, volume, área e peso
- Porcentagem
- Noções de medidas: altura e grossura de árvores, arbustos e plantas herbáceas
- Tipo se medidas com fita métrica, metro e paquímetro
- Cálculo de áreas
- Cálculo de volumes
- Escala em mapas
- Contagens e estimativas de plantas, frutos, flores e talos
- Censos de animais
- Cálculo de produção de mel
- Estimativa de quantidades de recursos utilizadas para fazer diferentes produtos

- Compreensão do sistema monetário, cálculos e elaboração de orçamentos
- Habilidade de ler e elaborar tabelas

GEOGRAFIA

- Espaço geográfico – aldeia, região, parque, Brasil
- Ecossistemas do Parque do Xingu, lugares sagrados e ecossistemas brasileiros
- Mapeamento de aldeias, recursos, ecossistemas, regiões, estradas
- Croquis de roças, plantios e locais
- Zoneamento ecológico/econômico e planejamento espacial
- Recursos hídricos, causa da poluição e do assoreamento dos rios
- Clima e mudanças climáticas
- Processo de invasão e demarcação do território indígena com destaque para criação do PIX e o trabalho de fiscalização
- Relações entre o PIX e seu entorno

HISTÓRIA

- Mitos de origem e histórias de antigamente de cada povo, relacionados a recursos naturais, seres espirituais, manejo e conservação
- História das plantas e animais exóticos trazidos para o Brasil e para o Parque
- Documentação dos processos de mudanças socioculturais, econômicas e ambientais que vêm ocorrendo no PIX. (Reflexão sobre a vida de hoje e antigamente abordando temas como alimentação, uso de ferramentas e armas, sedentarização das aldeias, produção de lixo, relação com dinheiro)
- História da organização social para realização das atividades de manejo antes e atualmente
- Relação das festas e rituais tradicionais com manejo de recursos naturais
- Calendário de cada povo e sua relação com as atividades de manejo

ECOLOGIA E ECONOMIA

- conceito de recursos naturais, relação entre eles e o reino espiritual, papel do pajé na ligação entre reino espiritual e comunidades
- conceito de ecologia e características ecológicas dos recursos naturais importantes para o manejo
- Tipos de vegetação (relações entre vegetação, clima, ecossistemas e recursos naturais)
- botânica e zoologia – classificação indígena e não indígena dos seres; levantamentos de plantas e animais utilizados ou não pelos povos, hábitos de crescimento das plantas, morfologia de plantas e animais, calendário de produção, caça, coleta e plantio dos recursos e fenologia
- levantamento das frutíferas nativas e exóticas, comestíveis e não comestíveis
- solos, rochas e minerais – levantamento dos tipos de solos, rochas e minerais, levantamento de capoeiras, fertilidade de solos, condição hídrica de solos, conceito de erosão, técnicas de proteção dos solos
- economia indígena e não indígena – conceito de produto, economia, atividades econômicas e relações econômicas das sociedades indígenas e não indígenas; coleta, agricultura, extrativismo, produção artesanal, produção industrial
- saúde e manejo – remédios tradicionais, nutrição e alimentação indígena e não indígena
- manejo tradicional e manejo sustentável de recursos naturais
- intensidade de manejo das espécies: silvestre, protegida, cultivada
- atividades econômicas e impactos ambientais – poluição, desmatamento, efeito estufa, lixo, garimpo, degradação dos solos, desertificação
- recuperação dos ecossistemas: sucessão natural e sucessão secundária, separação de grupos ecológicos de espécies vegetais
- educação ambiental – histórico e princípios; aplicação da educação ambiental nos trabalhos de orientação e conscientização das comunidades.

- biodiversidade e conservação da natureza no Brasil – diversos conceitos de biodiversidade, extinção de espécies, instrumentos para a conservação ambiental, conceito de sustentabilidade

LEGISLAÇÃO AMBIENTAL BÁSICA

- Introdução à legislação e organização política do Estado
- Código florestal
- Lei dos recursos hídricos
- Lei dos crimes ambientais
- Lei de proteção à fauna
- Convenção da diversidade biológica
- Biopirataria e proteção aos conhecimentos tradicionais

2. DISCIPLINAS DE FORMAÇÃO APLICADA

- **Piscicultura** – diagnóstico da disponibilidade de peixes e sua variedade, de acordo com a época do ano; manejo tradicional da pesca e mudanças na disponibilidade de peixes ao longo do tempo; conhecimentos técnicos específicos sobre criação de peixes
- **Manejo de recursos naturais florestais** – métodos para o manejo de diferentes tipos de recursos; propagação dos recursos; planejamento e implantação e monitoramento de experiências de manejo de recursos da floresta.
- **Inventários e sistemas agroflorestais** – separação das espécies em grupos segundo suas características ecológicas; janela da vida (água, luz e nutrientes); aplicação do conceito de sucessão ecológica no desenho de sistemas agroflorestais; seleção de espécies para composição dos sistemas; planejamento do desenho do sistema; implantação, manejo e monitoramento do sistema.

- **Criação de animais domésticos** – técnicas para manejo e criação de animais domésticos de interesse para as comunidades do PIX, principalmente aves.
- **Manejo e criação de animais silvestres** – levantamento do conhecimento tradicional sobre a fauna nativa do PIX; classificação dos animais; identificação de espécies prioritárias para o manejo; levantamento de características ecológicas, inventários sobre disponibilidade de populações dos recursos; inventários sobre pressão de caça; técnicas para manejo sustentável e criação de espécies prioritárias de animais silvestres.
- **Ecologia e manejo de abelhas nativas e da Apis** – levantamento dos conhecimentos tradicionais envolvendo o uso, manejo e tabus relacionados com as abelhas; características ecológicas das abelhas; distribuição das abelhas em ecossistemas; relações ecológicas entre espécies de abelhas; abelhas, floradas e nichos para estabelecimento de ninhos; técnicas de criação e manejo de abelhas nativas com fins produtivos e de conservação.
- **Manejo e resgate de sementes de plantas da roça** – história: origem das plantas da roça, história de plantas / dono / protetores, mitos e festas relacionados com atividades agrícolas. As nossas plantas: diferentes plantas da roça no Xingu, conhecimentos sobre botânica (partes de plantas e estruturas reprodutivas), tipos de plantas e hábitos de crescimento, calendários da natureza e ciclo agrícola, especialistas em plantio, cuidados agrônômicos, mágicos e rituais na roças. Ambientes das roças: caracterização e cartografia, tipos de matas e tipos de terras, localização e formas de acesso; a roça velha, situação das capoeiras de terra preta nas proximidades das aldeias, mapas de capoeiras boas e capoeiras cansadas. Reprodução e conservação de materiais genéticos: origem de sementes / mudas, tipos / variedades diferentes, fontes de materiais reprodutivos, listagens de materiais perdidos, cuidados com a semente, antigamente e hoje, mudanças após o contato / recentes, estratégias para trabalhar com materiais escassos no PIX: resgate e multiplicação.
- **Viveiros e sementes florestais** – coleta, tratamento e armazenagem de sementes; produção de mudas; construção e manejo do viveiro.

- **Incêndios florestais** – controle e prevenção de incêndios florestais (ver possibilidade de realizar módulo em conjunto com IBAMA .
- **Projeto de pesquisa e trabalho** – cada agente deve elaborar, em conjunto com a comunidade, um plano para seu trabalho de manejo na aldeia, além de levantar aspectos importantes sobre os recursos com os quais estão trabalhando junto aos professores, mulheres e homens mais velhos.

Organização política dos agentes

A formação dos agentes insere-se também em uma estratégia ampla de trabalho do Programa Xingu, que consiste no direcionamento de ações visando a conquista de maior autonomia para gerenciar seu território.

Espera-se, com a capacitação política e administrativa de alguns agentes, que estes possam também tornar-se cada vez mais independentes na organização e gestão de seu trabalho. Ao mesmo tempo, esperamos que este primeiro grupo de agentes indígenas de manejo do Mato Grosso conquiste em breve o reconhecimento oficial do Governo do Estado, da FEMA e do IBAMA. Já foi entregue em mãos uma carta endereçada ao governador e ao presidente da FEMA informando-os do trabalho em curso.

AVALIAÇÃO DO TRABALHO DOS AGENTES

A avaliação do trabalho dos agentes pode se dar em diferentes níveis: auto-avaliação, avaliação pelo grupo dos AIMAREN e avaliação pelas comunidades. Nossa idéia é realizar uma avaliação contínua de cada agente, levando em conta o seu desenvolvimento de uma forma global. Para a avaliação contínua, serão levados em conta os seguintes elementos:

- interesse e participação no trabalho
- curso
- acompanhamento
- produção de textos, pesquisas e materiais didáticos

- relação com a comunidade
- relação com o grupo
- diários
- sistematização de seu trabalho de manejo na aldeia

Ao final do processo de formação será apresentado um documento contendo uma análise do desenvolvimento de cada agente.

DOCUMENTAÇÃO DO PROJETO DESENVOLVIMENTO DE ALTERNATIVAS ECONÔMICAS SUSTENTÁVEIS E MANEJO DE RECURSOS NATURAIS NO PARQUE INDÍGENA DO XINGU: RELATÓRIOS, PUBLICAÇÕES E LIVROS DIDÁTICOS RELACIONADOS COM O MANEJO DE RECURSOS NATURAIS

- Relatório técnico: Aspectos da agricultura indígena no médio Xingu, MT. (Geraldo Silva, 1996)
- Relatório técnico: Projeto alternativas econômicas. Relatório antropológico. (Klinton Senra, 1997)
- Relatório técnico: Organização social, aspectos econômicos e sustentabilidade ambiental: perspectivas para a potencialização do comércio de artesanato no Parque Indígena do Xingu. (Simone Athayde, organizadora, 1998)
- Documento técnico preparatório para o seminário de avaliação do Programa Xingu, realizado em São Paulo, (Villas-Bôas, A; Silva, G.M; Athayde, S.F.; Senra, K.V. & Ballester, W.C., agosto de 1998).
- Silva, G.M O sistema agrícola Kaiabi na paisagem norte do Parque do Xingu. In: II Simpósio Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia (Anais). Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). 1998.
- Silva, G.M.; Villas-Bôas, A; Senra, K.V.; Athayde, S.F.; Ballester, W.C., Schmidt, M.V.C. Desafios e potencialidades para o desenvolvimento de atividades econômicas sustentáveis junto 'a etnias e organizações indígenas na Amazônia: a experiência do Parque do Xingu, MT. In: II Simpósio Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia (Anais). Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). 1998.
- Schmidt, M.V.C.; Viana, V.M.; Vilas Bôas, A, 1998. Etnosilvicultura Kaiabi no Parque Indígena do Xingu: Subsídios ao Manejo de Recursos Florestais. In: II Simpósio Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia (Anais). Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). 1998.
- Athayde, S. F. Aspectos etnoecológicos de recursos naturais utilizados na cultura material Kaiabi no Parque do Xingu, MT. In: II Simpósio Brasileiro de

- Etnobiologia e Etnoecologia (Anais). Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). 1998.
- Características ecológicas, extração e usos de uruyp (*Ischnosiphon* sp, Marantaceae): bases para a discussão de seu manejo participativo. Responsáveis: Simone F. de Athayde e Geraldo M. da Silva, março, 1999.
 - Bases socioambientais para o desenvolvimento de alternativas econômicas sustentáveis na região norte do Parque Indígena do Xingu – MT. Organizadores: Geraldo Mosimann da Silva e Simone Ferreira de Athayde, abril, 1999. 305 p.
 - Relatório técnico: Agricultura Kaiabi e Yudja na paisagem norte do Parque Indígena do Xingu. São Paulo, Silva, G.M., agosto, 1999.
 - Viagem histórica dos Kaiabi ao seu território ancestral no rio dos Peixes. Organizadores: Geraldo Mosimann da Silva, Simone Ferreira de Athayde, Klinton Senra e Marcus V. Schmidt, janeiro 2000.
 - Relatório de avaliação para The Norwegian Rainforest Foundation (Fundação Rainforest da Noruega) sobre o Projeto Alternativas Econômicas Sustentáveis para Etnias Xinguanas. Consultores: Jason Clay e Olav Bakken Jensen. Oslo : Setembro/2000.
 - Relatório: Levantamento de duas populações de arumã (*Ischnosiphon gracilis*, MARANTACEAE) na região da Aldeia Sobradinho – Parque do Xingu. Consultor: Helder Souza. São Paulo : ISA/ATIX/NRF, 2000.
 - Anotações para um Plano de Negócios para a Apicultura e Meliponicultura do Xingu. Documento técnico. São Paulo, janeiro, 2000. Geraldo Mosimann da Silva e Wemerson Ballester.
 - Livro didático A Ciência da Roça no Parque do Xingu – Volume 2, livro Ikpeng (apostila em revisão, Geraldo Silva e Marcello de Souza (org). 2001. apostila
 - Livro didático A Ciência da Roça no Parque do Xingu – Volume 3, livro Suyá (apostila em revisão, Geraldo Silva e Marcello de Souza (org). 2001. apostila
 - Livro didático A Ciência da Roça no Parque do Xingu – Volume 4, livro Yudja (apostila em elaboração, Geraldo Silva e Marcello de Souza (org). 2001. apostila

- Produção e comercialização de óleo vegetais por etnias xinguanas. Vol 1 - O potencial do Pequi no Alto Xingu. ISA / ATIX / Natura / NRF. PI Xingu, julho 2001. Marcus Schmidt, Geraldo Silva e Danúzia Soares (org).
- Produção e comercialização de óleo vegetais por etnias xinguanas. Vol 2 - O potencial do Inajá no Baixo Xingu. ISA / ATIX / Natura / NRF. PI Xingu, julho 2001. Marcus Schmidt, Geraldo Silva e Danúzia Soares (org).
- Relatório técnico - Reunião do Inajá. Posto Indígena Diauarum. Parque do Xingu-MT. Organização Marcus V. C. Schmidt, Simone Athayde e Geraldo Silva. São Paulo : ISA/ATIX/NRF/NATURA, 2001.
- Dissertação de Mestrado - Schmidt, M.V.C. Etnosilvicultura Kaiabi no Parque Indígena do Xingu: Subsídios ao Manejo de Recursos Florestais. Centro de Recursos Hídricos e Ecologia Aplicada. Escola de Engenharia de São Carlos/Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. Universidade de São Paulo, 2001. 198 p. (FAPESP/WWF/ISA).
- Relatório: Viagem de intercâmbio Xingu-Acre, Rede de Cooperação Alternativa - RFN, de 15 a 30/06/2001. Geraldo Silva, Simone Athayde, Janin Kaiabi, Tariajup Kaiabi e Mahurimã Yudja.
- Livro didático – Manual de Apicultura (sob revisão dos apicultores, Wemerson Ballester e Equipe Projeto Formação de Professores). em fase de elaboração, 2001.
- SILVA, G.M. & KAIABI, T. 2001 [Experiencia de manejo de recursos genéticos amazónicos por indígenas del Xingú](#). Proyecto Cultivando Diversidad, Bogota, Colômbia. 10 p. CD Room, livro e formato eletrônico em (Rio Branco, AC, 2002). <http://www.grain.org/gd/es/case-studies/latin-america.cfm>
- Relatório de Estágio Supervisionado do Agente Indígena de Manejo de Recursos Naturais Yanin Kaiabi. Orientação Ricardo Benhardt (ESALQ-USP), Prof. Dr. Virgílio M. Viana (ESALQ-USP). Supervisão: Marcus V. C. Schmidt; (ISA) e Geraldo M. Silva (ISA). Laboratório de Silvicultura Tropical/Dpt. Ciências Florestais/ ESALQ/ Universidade de São Paulo, janeiro/fevereiro, 2002.

- Artigo científico - Schmidt, M. V. C.; Viana, V. M.; Metzger, J.P.; Owut Kaiabi; Jurumuk Kaiabi; Takapejuwi Kaiabi; Tani Kaiabi; Yareté Kaiabi. Mapeamento Participativo dos Recursos Naturais pelos Kaiabi Xinguanos. Uma Abordagem Etnoecológica. (FAPESP/WWF/ISA). (prelo).
- Artigo científico - Schmidt, M. V. C.; Viana, V. M.; Diegues, A. C. S; Owut Kaiabi; Jurumuk Kaiabi; Takapejuwi Kaiabi; Tani Kaiabi; Yareté Kaiabi. Classificação de Ambientes pelos Índios Kaiabi (Tupi-guarani), Parque Indígena do Xingu – MT. (FAPESP/WWF/ISA). (prelo).
- Artigo científico - Schmidt, M. V. C.; Viana, V. M.; Owut Kaiabi; Jurumuk Kaiabi; Takapejuwi Kaiabi; Tani Kaiabi; Yareté Kaiabi. Manejo florestal do Inajá Maximiliana maripa (Aubl.) Drude, pelos Índios Kaiabi. (FAPESP/WWF/ISA). (prelo).
- Capítulo de Livro – SILVA, G.M. Uso e conservação da agrobiodiversidade pelos índios Kaiabi do Xingu. In: Bensusan, N. (org.) Não seria melhor mandar ladrilhar? Biodiversidade : Como, por que, para quem. Brasília : Universidade de Brasília/Instituto Socioambiental (2002).
- Artigo científico - Sustentabilidade ambiental de recursos naturais utilizados na cultura material Kaiabi (Tupi-Guarani) no Parque Indígena do Xingu, Região Amazônica, Brasil. Etnoecológica IV (6) : 84-100, 2000. Autoria: Simone Ferreira de Athayde.
- Resumo de Congresso - Indigenous handcraft production and management of natural resources at Xingu Park, Amazon Basin, Brazil. Apresentado no III International Congress of Ethnobotany, Nápolis, Itália, 22-30 de setembro de 2001. Autoria: Geraldo Silva e Simone Athayde.
- Resumo de Congresso – Caracterização Ecológica das Abelhas Nativas no Parque Indígena do Xingu, com perspectivas de comercialização do mel. XIV Congresso Brasileiro de Apicultura. Campo Grande, MS, 16 a 20 de julho de 2002. Anais. Autoria: Wemerson Chimello Ballester, Geraldo Mosimann da Silva, Simone Ferreira de Athayde e Kátia Cilene Zorthêa.
- Resumo de Congresso – Apicultura no Parque Indígena do Xingu como alternativa econômica para comunidades xinguanas. XIV Congresso Brasileiro

de Apicultura. Campo Grande, MS, 16 a 20 de julho de 2002. Anais. Autoria: Wemerson Chimello Ballester e Geraldo Mosimann da Silva.

Relatórios, livros didáticos e outros documentos do Programa Economia, Ecologia e Cultura

- Roteiro metodológico – Programa Educativo “Economia, Ecologia e Cultura”. Simone Athayde e Geraldo Silva. São Paulo, agosto de 1999.
- Ciência da Roça – coletânea de ementa preliminar proposta, programa de trabalho e relato de atividades desenvolvidas (versão preliminar em elaboração, Geraldo Silva e Simone Athayde). 1999.
- Livro das Peneiras Kaiabi – Livro didático, ISA/ATIX/Projeto Kumaná e Escolas Indígenas do Xingu, Simone Athayde e Geraldo Silva. São Paulo, setembro, 1999.
- Programa Educativo Economia, Ecologia e Cultura: relatório de atividades 1999-2001. Simone Athayde (org).
- Livros didáticos sobre Economia, Ecologia e Cultura:
 - Livro geral (sob revisão dos professores indígenas, Geraldo Silva, Simone Athayde, Wemerson Ballester e equipe Projeto Formação de Professores).2001
 - Livro Kaiabi (sob revisão dos professores indígenas, Geraldo Silva, Simone Athayde e equipe Projeto Formação de Professores). 2001
 - Livro Yudja (sob revisão dos professores indígenas, Simone Athayde, Geraldo Silva e equipe Projeto Formação de Professores).Livro didático – Economia, Ecologia e Cultura. Primeiro módulo – Produtos Indígenas e Não Indígenas (em elaboração, Simone Athayde e Geraldo Silva, org) 2001
 - Resumo de Congresso - Economy, Ecology and Culture: Environmental Education for Sustainable Development at Xingu Park, Amazon Basin, Brazil. Apresentação oral realizada por Simone Athayde no III International Congress of Ethnobotany, Nápolis, Itália, 22-30 de setembro de 2001. Autoria: Simone Ferreira de Athayde e Geraldo Mosimann da Silva.

- Capítulo de Livro - Athayde, S. F. e outros. Educação Ambiental e Conservação da Biodiversidade no Parque Indígena do Xingu. In: Bensusan, N. (org.) Não seria melhor mandar ladrilhar? Biodiversidade : Como, por que, para quem. Brasília : Universidade de Brasília/Instituto Socioambiental (2002).

BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA

CPI Comissão Pró-Índio do Acre. Proposta Preliminar Curricular Bilingüe Intercultural para Formação de Professores Índios do Acre e Sudoeste do Amazonas – Desenho de um currículo de magistério indígena. Rio Branco, 1995

CPI Comissão Pró-Índio do Acre. Proposta do Currículo para a Formação dos Agentes Agroflorestais do Acre. Realização: Setor de Agricultura e Meio Ambiente da Comissão Pró Índio do Acre. Consultoria: Nietta Lindenberg Monte. Rio Branco, junho de 2000.

IIED International Institute for Environment and Development. Adapting Tools for Local Forest Management: Report of an introductory workshop on Participatory Rural Appraisal for community-led Forest conservation and development. London : IIED, 1994. 52 p.

ISA INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. - Proposta curricular de formação de professores indígenas para o magistério. Projeto de formação de professores indígenas do Parque Indígena do Xingu . São Paulo, 1997. 93p.

ISA INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. – Projeto Político Pedagógico das Escolas do Parque Indígenas do Xingu, Da terra Indígena Panará e da Escola Kaiabi da Aldeia Kururuzinho. Projeto de formação de professores indígenas do Parque Indígena do Xingu . São Paulo, 2002. 199p.

Martins, M. L. E. Ferreira, D. A lição da Samaúma – Formação de Professores da Floresta. Didática e Educação Matemática: do saber à construção do conhecimento. Centro dos Trabalhadores da Amazônia (CTA) / MEC / FAE. Rio Branco, 1994. 207p.

SEDUC – Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso / CEE/MT – Conselho Estadual de Educação do Mato Grosso. Projeto de Cursos de Licenciatura Específicos para Formação de Professores Indígenas. Cuiabá, 2000.

PARTE III – Diagnóstico da situação do trabalho de manejo nas aldeias, resultado do acompanhamento técnico realizado de maio a julho de 2002.

RESUMO DA SITUAÇÃO E PROPOSTAS DE TRABALHO DE MANEJO
PARA 2002

Reunião de trabalho com a diretoria dos agentes de manejo, de 22 a 24/07/2002

CONTEÚDO DESTE DOCUMENTO

1. Avaliação geral e deliberações

- Questões técnicas (sugestões para cursos, apostila e acompanhamento)
- Relações com a comunidade
- Relação dos agentes com a diretoria
- Comunicação com e entre os agentes
- Financiamento dos trabalhos

2. Lista dos Agentes Indígenas de Manejo de Recursos Naturais do Parque do Xingu, em julho de 2002.

3. Lista de recursos a serem manejados indicados pelas comunidades.

4. Resumo da situação das aldeias e propostas

5. Programação para o segundo semestre de 2002

6. Assuntos tratados na Reunião com diretoria da ATIX, em 23/07/2002

RESUMO DA SITUAÇÃO E PROPOSTAS DE TRABALHO DE MANEJO PARA 2002

REUNIÃO DE TRABALHO COM DIRETORIA DOS AGENTES DE MANEJO

22 a 24/07/2002

Sirawan e Pirapy Kaiabi, com participação de Takapejuwi Kaiabi e Yasariku Yudja e assessores Geraldo Mosimann da Silva, Marcus Schmidt e Simone Ferreira de Athayde

AVALIAÇÃO GERAL E DELIBERAÇÕES:

Questões técnicas (sugestões para cursos, apostila e acompanhamento):

1. Cobertura morta
2. Espaçamentos de mudas plantadas
3. Sombra para mudas e aclimatação antes do plantio
4. Cuidados com sementes e mudas:
5. Remessa de sementes pelas aldeias para o PI Diauarum
6. Pesquisa do conhecimento sobre as plantas
7. Técnicas para coleta no mato, beneficiamento e armazenagem
8. Técnicas de enxertia para frutas da cidade
9. Priorização de recursos para manejar nas aldeias e Diauarum
10. Cuidados com recursos que vêm de fora, de outros ecossistemas. Exemplos: siriva, arumã, flecha, cacau, castanha, babaçu
11. Acompanhamento sempre deve ter uma atividade prática para o agente.
12. Acompanhamento no PI Diauarum e Pequizal: Programar quem faz, como e quando. Vai incluir conversa com a comunidade para explicar o que é o manejo; pedir colaboração para a coleta de sementes para o viveiro (pensar na melhor forma); consultar a comunidade sobre quais recursos devem ser manejados e as frutas que se deseja plantar nos quintais.

Observações:

- Agentes que são apicultores podem trabalhar com pasto apícola. Exemplo: Kokoyatene, que talvez possa vir a atender ao Raposão.
- O depósito a ser construído no PI Diauarum deve incluir uma sala para um pequeno escritório e para a biblioteca.

Relações com a comunidade

1. Esclarecer e conscientizar a comunidade sobre os trabalhos de manejo (homens e mulheres)
2. Procurar visitar cada casa durante o acompanhamento
3. Como tratar de aldeias sem agentes de manejo (Capivara, Raposão).
4. Como tratar de aldeias com agentes de manejo que não estão participando muito dos trabalhos, por exemplo (Kururu e Ilha Grande) . Fazer novo convite para o agente de manejo.
5. Entrada de novos agentes: pode ser por interesse pessoal ou por indicação da comunidade, mas sempre tem que ter aprovação da comunidade.

Relação dos agentes com a diretoria

1. A instalação de infraestrutura nas aldeias só acontecerá após o agente mostrar o início do seu trabalho.
2. Todo agente deve comunicar a diretoria de manejo quando tiver que sair de sua aldeia.
3. Adquirir livros para diários dos agentes de manejo.
4. Busca contínua de oportunidades para realizar cursos, estágios e intercâmbios.
5. Critérios para saída de agentes para os cursos, estágios e intercâmbios:
 - experiência e interesse do agente
 - desenvolvimento no trabalho
 - participação anterior em outros cursos

Comunicação com e entre os agentes

1. Informativo do manejo, escrito, uma página em papel A4 dobrada em 4 páginas. Sairá o primeiro no final de agosto, com tiragem de 100 exemplares.
2. Rádio do manejo: reforçar a necessidade de todos os agentes entrarem na escuta. O rádio deve ter uma parte com informações da diretoria, para todos, e outra onde os agentes contam o desenvolvimento de seu trabalho e solicitam materiais, quando necessário.
3. Manter um arquivo com os radiogramas enviados e recebidos pela diretoria do manejo.
4. Organizar uma biblioteca para os agentes de manejo, no PI Diauarum.

Financiamento dos trabalhos

1. Busca contínua de recursos para custear os trabalhos:
2. NRF: um curso e um acompanhamento em 2003.
3. PRONAF: um curso e um acompanhamento em 2003; viveiros nas aldeias.
4. IEB: mandar proposta para um curso e um acompanhamento em 2003, até 15 de setembro, no limite de R\$ 10.000,00.
5. PD-PI: estudar com a ATIX a estruturação de uma proposta, a ser detalhada, para a formação dos agentes.
6. Sugestão: pensar como incluir uma abordagem artística para desenhos e ilustrações.

Lembrete:

Solicitação de 22 camisetas do ISA para os agentes.

Agentes indígenas de manejo de recursos naturais do Parque do Xingu em julho de 2002

local	agente
1. Barranco Alto	Pirapy Kaiabi
2. Ilha Grande	Matariowy Kaiabi
3. Kururu	Myajup Kaiabi
4. Kwaruja	Sirawan Kaiabi
5. Maraka	Yowapina Kaiabi
6. Moitara	Jawarete Kaiabi
7. Moygu	Furiga Ikpeng
8. Moygu	Porompi Ikpeng
9. Moygu	Wayge Ikpeng
10. Ngojwere	Teto Kĩsédje
11. Pakissamba	Mahurimã Yudja
12. Pakissamba	Taradju Yudja
13. PI Diauarum	Jani Kaiabi
14. PI Diauarum	Musi Kaiabi
15. PI Diauarum	Takapejuwi Kaiabi
16. PI Diauarum	Tawaiku Yudja
17. PI Diauarum	Tawayaku Yudja
18. Rikoh	Wetkere Tapayuna Kĩsédje
19. Sobradinho	Jewyt Kaiabi
20. Três Irmãos	Kuaywu Kaiabi
21. Tuba Tuba	Maware Yudja
22. Tuba Tuba	Yasariku Yudja
23. Tuba Tuba	Xibĩdĩ Yudja
24. Tuiarare	Tamakari Kaiabi
candidatos	
25. Pequizal	Jamaradi Yudja Kĩsédje
26. Roptotxi	Kokoyatene Kĩsédje
27. Tuba Tuba	Kumanu Yudja

LISTA DE RECURSOS A SEREM MANEJADOS INDICADOS PELAS COMUNIDADES

As letras entre parênteses depois do nome da aldeia significam que o trabalho com o recurso está em:
P = plano; I= início; A = andando

Nome em português	Nome Língua indígena	Aldeias que indicaram o recurso e situação do trabalho
1. madeiras para casa e canoa		Tuiarare (P)
2. cedro		Pakissamba (P); Tuba Tuba (P)
1. buriti		Moygu (P); Ngojwere (I); Pakissamba (P); Tuba Tuba (P)
2. jacitara		Pakissamba (P); Tuba Tuba (P)
3. itaúba		Pakissamba (P); Tuba Tuba (P)
4. olandí		Pakissamba (P); Tuba Tuba (P)
5. peroba		Pakissamba (P); Tuba Tuba (P)
6. pau d'arco		Pakissamba (P); Tuba Tuba (P)
3. pindaíba		Pakissamba (P); Tuba Tuba (P)
4. cumaru		Pakissamba (P); Tuba Tuba (P)
5. mescla		Pakissamba (P); Tuba Tuba (P)
6. recursos p/ artesanato		Pakissamba (P); Tuba Tuba (P)
7. arumã		Barranco Alto (P); PI Diauarum (A); Ilha Grande (P); Kururu (P); Sobradinho (A); Três Irmãos (P); Tuiarare (P)
8. algodão		Barranco Alto (I); Tuiarare (P)
9. anani	Araity	Barranco Alto (P)
10. jequitibá		Tuiarare (P)

As letras entre parênteses depois do nome da aldeia significam que o trabalho com o recurso está em:
P = plano; I= início; A = andando

Nome em português	Nome Língua indígena	Aldeias que indicaram o recurso e situação do trabalho
11. siriva		P Ilha Grande (P); Maraka (I); PI Diauarum (I); Sobradinho (P); Tuiarare (P)
12. flecha	Ik: purumutxi	Beira Rio (P); Moygu (P); Ngojwere (P); Pakissamba (P)
13. palha do inajá		Barranco Alto (I); Ilha Grande (I); Kururu (I); Kwaruja (I); Maraka (A); Moitara (P); Moygu (I); Pakissamba (A); Pequizal (P); PI Diauarum (I); Três Irmãos (P); Tuba Tuba (I); Tuiarare (I)
14.	tutetygy	Roptotxi (P)
15. raízes		Kururu (P); Pakissamba (P); Tuba Tuba (P)
16. criação de aves		Moitara (I); Moygu (P); PI Diauarum (P); Ngojwere (P); Roptotxi (I); Três Irmãos (P); Tuiarare (P)
17. plantas da roça		Barranco Alto (I); Ilha Grande (P); Kururu (P); Kwaruja (A); Maraka (I); Moitara (I); Moygu (I); Pakissamba (A); PI Diauarum (P); Sobradinho (P); Três Irmãos (I); Tuba Tuba (A); Tuiarare (I)
18. viveiro		Barranco Alto (I); Kururu (P); Moitara (I); Moygu (I); Pakissamba (A); Pequizal (P); PI Diauarum (A); Rikoh (P); Três Irmãos (I); Tuba Tuba (A); Tuiarare (I)
19. frutas do mato		Barranco Alto (I); Beira Rio (P); Kururu (P); Kwaruja (I); Moitara (I); Moygu (P); Ngojwere (I); Pakissamba (I); Pequizal (P); PI Diauarum (A); Rikoh (P); Roptotxi (P); Tuba Tuba (I); Tuiarare (I)
20. frutas da cidade		Barranco Alto (P); Beira Rio (P); Ilha Grande (I); Kururu (P); Kwaruja (I); Maraka (I); Moitara (I); Moygu (I); Ngojwere (P); Pakissamba (I); Pequizal (P); PI Diauarum (A); Rikoh (P); Roptotxi (P); Tuba Tuba (I); Tuiarare (I)
21. api		Ngojwere (P); PI Diauarum (I)
22. babaçu		Ngojwere (P); Tuba Tuba (P); Tuiarare (P)

As letras entre parênteses depois do nome da aldeia significam que o trabalho com o recurso está em:
P = plano; I= início; A = andando

Nome em português	Nome Língua indígena	Aldeias que indicaram o recurso e situação do trabalho
23. biribá		Tuiarare (I)
24. cacau		Tuiarare (P)
25. castanha do Pará		Moygu (P); Pakissamba (I); PI Diauarum (I)
26. coco		Kwaruja (A); Moitara (P); Moygu (P); Ngojwere (P); Pakissamba (P); PI Diauarum (I); Rikoh (P); Roptotxi (P); Tuba Tuba (P); Tuiarare (P)
27. graviola		Tuiarare (P)
28. jenipapo		Beira Rio (P); PI Diauarum (I); Tuiarare (P)
29. laranja		Kwaruja (I); PMoitara (P); Moygu (P); IPI Diauarum (I); Tuba Tuba (I); Tuiarare (I)
30. manga		Tuiarare (P)
31. murici		PI Diauarum (I); Tuiarare (P)
32. oiti	Kamu'i	Tuiarare (P)
33. pequi		Moygu (I); Ngojwere (A); Pakissamba (I); PI Diauarum (A); Rikoh (A); Roptotxi (A); Tuba Tuba (I); Tuiarare (P)
34. pupunha		Tuiarare (P)
35.	Akusityrywa	Tuiarare (P)
36.	pinowa	Tuiarare (P)

As letras entre parênteses depois do nome da aldeia significam que o trabalho com o recurso está em:
P = plano; I= início; A = andando

Nome em português	Nome Língua indígena	Aldeias que indicaram o recurso e situação do trabalho
37. açaí	kwa	Moygu (P)
38. bambu	powú	Moygu (P)
39. cabaça	ritako	Moygu (P)
40. café		Moygu (P)
41. envira p/ arco	Pi'engĩ	Moygu (P)
42. fruta	Katamoat	Moygu (P)
43. louro	ĩerong	Moygu (P)
44. madeira p/ canoa	Tivoró	Moygu (P)
45. mandioca doce	wokpo	Moygu (P)
46. maracujá		Moygu (P)
47. moropo	Yemĩ	Moygu (P)
48. orelha de pau	opio	Moygu (P)
49. ponta da flecha	Purumu	Moygu (P)
50. taquara		Moygu (P)
51. timbó	enak	Moygu (P)
52. timbó	inat	Moygu (P)
53. tipo de buriti	kolanã	Moygu (P)
54.	acarioum	Moygu (P)

As letras entre parênteses depois do nome da aldeia significam que o trabalho com o recurso está em:
 P = plano; I= início; A = andando

Nome em português	Nome Língua indígena	Aldeias que indicaram o recurso e situação do trabalho
55.	Agroimó	Moygu (P)
56.	Amengo	Moygu (P)
57.	Ampobre	Moygu (P)
58.	anpirempã	Moygu (P)
59.	ĩego	Moygu (P)
60.	Inot	Moygu (P)
61.	Itok	Moygu (P)
62.	Korowogri	Moygu (P)
63.	Kumũ	Moygu (P)
64.	Kumko	Moygu (P)
65.	Kwato	Moygu (P)
66.	Loromi	Moygu (P)
67.	Manareri	Moygu (P)
68.	Matxu	Moygu (P)
69.	Megriut	Moygu (P)
70.	Miemieri	Moygu (P)
71.	Mopia	Moygu (P)
72.	Morit	Moygu (P)

As letras entre parênteses depois do nome da aldeia significam que o trabalho com o recurso está em:
P = plano; I= início; A = andando

Nome em português	Nome Língua indígena	Aldeias que indicaram o recurso e situação do trabalho
73.	Moronu	Moygu (P)
74.	Motoi	Moygu (P)
75.	Mure	Moygu (P)
76.	Oiot	Moygu (P)
77.	Onpigakakano	Moygu (P)
78.	Oromuré	Moygu (P)
79.	Orot do campo	Moygu (P)
80.	Orot do mato	Moygu (P)
81.	Orubu	Moygu (P)
82.	Owopi	Moygu (P)
83.	Piepie	Moygu (P)
84.	Píngon	Moygu (P)
85.	Pínlú	Moygu (P)
86.	Ponmu	Moygu (P)
87.	Ponte	Moygu (P)
88.	Ragop	Moygu (P)
89.	Raigĩ	Moygu (P)
90.	Renetxing	Moygu (P) do Jatobá

As letras entre parênteses depois do nome da aldeia significam que o trabalho com o recurso está em:

P = plano; I= início; A = andando

Nome em português	Nome Língua indígena	Aldeias que indicaram o recurso e situação do trabalho
91.	Rogot	Moygu (P)
92.	Tamiyang	Moygu (P)
93.	Tampiregu	Moygu (P)
94.	Tapitepo	Moygu (P)
95.	Tawoengu	Moygu (P)
96.	Tayawó	Moygu (P)
97.	Tigá	Moygu (P)
98.	Tigokteng	Moygu (P)
99.	Tinto	Moygu (P)
100.	Tometakanã	Moygu (P)
101.	Tometo	Moygu (P)
102.	Tonkowu	Moygu (P)
103.	Torurú	Moygu (P)
104.	Tucum	Moygu (P)
105.	tucunzinho	Moygu (P)
106.	Wogui	Moygu (P)
107.	Yete	Moygu (P)
108.	Yoyyung	Moygu (P) do Jatobá

RESUMO DA SITUAÇÃO DAS ALDEIAS e PROPOSTAS

Aldeia: Maraka Kaiabi

Agente: Yowapina

Situação:

Esta aldeia está sendo reestrutura, com a mudança da maioria de seus habitantes para a região do rio Tatuy. O trabalho de manejo tem apoio da comunidade. O agente de manejo é experiente, mas vai se mudar também. Por enquanto, vem assessorando o manejo da palha de inajá e iniciou o trabalho com a recuperação de plantas da roça. Há outro agente que morava nesta aldeia e que agora está no PI Diauarum, mas que pode voltar para a aldeia.

Propostas:

Continuar com os trabalhos na aldeia, incluindo o manejo da palha, siriva, plantio de frutas e promover o plano para recuperação de plantas da roça.

Aldeia: Kururu Kaiabi

Agente: Myajup

Situação:

O agente de manejo está morando com seu sogro na aldeia Sobradinho. Seu companheiro desistiu do trabalho. A comunidade quer que o agente de manejo mostre seu trabalho. Por enquanto o trabalho não começou ainda. Os mais velhos, como Tarumani e Kawitai'i, estão dando apoio, mas parece que os jovens não estão mostrando interesse.

Propostas:

O agente de manejo precisa tomar uma decisão junto com sua família e com a comunidade, para ver onde trabalhará e, no caso dele mudar para o Sobradinho, escolher alguém em seu lugar. O trabalho tem que começar conforme a comunidade está esperando.

Aldeia: Tuba Tuba Yudja

Agentes: Yasariku, Maware e Xibĩdĩ

Situação:

Há três agentes de manejo, sendo dois mais experientes. A comunidade está entendendo o trabalho de manejo e está muito interessada. Eles esperam que os agentes ajudem a aumentar os recursos mais importantes para o povo Yudja. Aconteceu uma grande participação da comunidade durante o acompanhamento. A comunidade pediu para manejar espécies de abelhinhas que têm pouco no mato.

Propostas:

Resgate e manejo de remédios. Manejo de madeira para barco, casas e artesanato. Apoio para o trabalho do viveiro e plantio de frutas. Estudar viagem para a Cachoeira (TI Kapoto-Jarina), para coleta de sementes e materiais.

Aldeia: Pakisamba Yudja

Agente: Mahurimã e Taradju

Situação:

Tem um agente experiente e um novato. A comunidade está entendendo o trabalho de manejo e está muito interessada. Eles querem que os agentes mostrem o seu trabalho para a comunidade e que dê resultado. Aconteceu uma grande participação da comunidade durante o acompanhamento. Estão escolhendo um local para plantar muda de frutas, além dos plantios envolta das casas, nos quintais. Vão fazer uma pequena horta para verduras. Vão construir um depósito para os materiais do manejo. O agente está preparando amostras de cada tipo de semente da planta da roça dos Yudja. Eles já escolheram um local para plantar flecha, que será buscada na aldeia Roptotxi Kĩsẽdje.

Propostas:

Querem fortalecer o trabalho do viveiro, inclusive com recursos do mato. Apoiar o desenvolvimento do plano dos agentes e comunidade para a recuperação de plantas da roça. Agosto ou setembro vai acontecer a oficina da palha. No início das chuvas será plantada a flecha. Estudar, junto com a comunidade, quando serão feitos os trabalhos com os recursos para construção de casas e artesanato e para o resgate e manejo dos remédios.

Aldeia: Sobradinho

Agente: Jewyt Kaiabi

Situação:

Tem um agente de manejo que está treinando no trabalho do arumã. O agente tem dificuldade de conversar com a comunidade. A comunidade tem dificuldade, mas estão se organizando para apoiar trabalho de manejo. Aldeia está de mudança para outro lugar, mas o trabalho do arumã vai ficar no mesmo lugar. Cacique tem preocupação porque o agente é apicultor e vai ser professor também.

Propostas:

Continuar monitorando o trabalho do arumã plantado. A comunidade tem proposta de fazer novo plantio de arumã na aldeia nova. A comunidade não tem resposta sobre trabalho da semente da roça e outros recursos.

Aldeia: Kwarujá

Agente: Sirawan Kaiabi

Situação:

Já existe o trabalho como plantio das frutas: manga, seriguela, coco, pequi, graviola e siriva. Tem plantio da roça. Tem agente de manejo e professor. A comunidade conhece o trabalho dos agentes de manejo.

Propostas:

Iniciar desenvolvimento do banco de semente.

Aldeia: Roptotxi

Agente: Kokoyatene Kĩsédje (candidato)

Situação:

Aldeia nova, com muita terra boa muitos recursos como inajá, peroba, arco preto. Sola que tem arco preto. Já existe criação de galinha. Tem candidato a agente de manejo.

Propostas:

Discutir criação de galinha com a ATIX. Pesquisar a ocorrência do arco preto para produção, conseguir sementes. Realizar pesquisa para ver situação das madeiras para utilizar nas canoas. Fazer plantio de frutas como: laranja, mexirica, jaca e graviola.

Aldeia: Rikoh

Agente: Wetkere Suiá

Situação:

Aldeia pequena, só tem uma família, o agente de manejo mora lá. A construção de viveiro depende da definição da comunidade.

Propostas:

Discutir com o agente como serão realizados os trabalhos nesta aldeia.

Aldeia: Muitara

Agente: Jawarete Kaiabi

Situação:

Já tem plantio de frutas. Tem um agente de manejo que trabalha com a comunidade. Tem plano de recuperação das plantas da roça discutidas com a comunidade. Agente de manejo precisa se desenvolver no trabalho para orientar a comunidade.

Propostas:

Acompanhar o desenvolvimento do plano para recuperação das plantas da roça. Estudar a possibilidade de criar aves. Convidar agente de manejo para oficina na aldeia Tuiararé.

Aldeia: Três irmãos

Agente: Kuayuwu Kaiabi

Situação:

A comunidade tem dúvida, mas cacique já entende porque já foi agente de manejo. Querem plantio das frutas em volta da aldeia. Eles querem ajuda dos agentes para arrumar as sementes das plantas da roça. Querem fazer criação de peixe e tracajá.

Propostas:

Estar discutindo o plano da recuperação das sementes da roça. Tem plano para de construir um pequeno viveiro. Mauro ficou de dar resposta no mês de setembro para eles sobre a criação de tracajá. Para esse ano eles queriam somente as mudas e sementes das plantas da roça.

Aldeia: Barranco Alto
Agente: Pirapy Kaiabi

Situação:

Já existe o trabalho de plantio de algumas frutas como: caju, graviola, pequi, fruta de gavião. Comunidade ainda tem dúvida, mas acha muito importante trabalho de manejo. Comunidade tem interesse de trabalhar com arumã, algodão e anani. Agente de manejo faz parte da diretoria do manejo.

Propostas:

Já tem plano de construir pequeno viveiro, fazer uma roça para plantar algodão e aumentar sementes. Tem anani perto da aldeia, no córrego, a comunidade tem plano de trazer as mudas de outros lugares para aumentar. Pessoal quer fazer pesquisa onde tem arumã para fazer plantio experimental perto da aldeia. Agente de manejo fez o plano sobre a recuperação da roça e a comunidade aprovou.

Aldeia: Tuiararé
Agente: Tamakari Kaiabi

Situação:

A comunidade tem muitas dúvidas sobre o trabalho de manejo, principalmente as mulheres. A comunidade quer plantio das frutas nativas e da cidade. Pessoal quer manejar as madeiras para casa. Eles têm interesse no manejo do arumã, estão preocupados com as plantas da roça. Já tem um pequeno viveiro e algumas plantas de frutas plantadas perto da aldeia.

Propostas:

Realizar reunião com a comunidade, professor, agente de saúde e agente de manejo. Ligar trabalho de manejo com a escola. Fazer um viveiro e colocar as sementes e arruma sementes e mudas da cidade. Fazer oficina para planejar o manejo das frutas e madeira. Foi feito o projeto para o PDPI para buscar muda de arumã para fazer plantio experimental. A comunidade está discutindo o plano da recuperação da semente da roça.

Aldeia: Ilha Grande

Agente: indefinido

Situação:

Comunidade tem dúvida sobre trabalho de manejo. Agente de manejo está com dúvida se vai continuar o trabalho ou se vai trocar. Piauí quer fazer manejo de arumã, flecha e siriva. Eles querem plantio de frutas como laranja e mexirica.

Propostas:

Realizar mais reuniões para discutir sobre o trabalho de manejo. Fazer acompanhamento do agente se trocar agente. Arrumar as sementes das mudas da cidade. Esclarecer a comunidade sobre a dificuldade do manejo da siriva e flecha, ver como conseguir as mudas de siriva e flecha. Agente de manejo vai acompanhar o acompanhamento na aldeia Tuiararé.

Aldeia: Beira Rio

Agente: Não tem

Situação:

Não tem agente de manejo e não tem candidato. As mudas deverão vir prontas do Rikôh. Tem interesse no trabalho de manejo desde que ele não pare antes de completar a formação dos agentes. Não o trabalho de inajá. Tem interesse no plantio de mudas de frutas como jenipapo e flecha. Ainda não se tem clareza sobre o trabalho de manejo. Espera que o trabalho seja feito agente de manejo. Já existem mudas plantadas que foram enviadas do Diauarum.

Propostas:

Realizar uma nova conversa. Avaliar quem se responsabiliza pelas atividades. Envio de sementes para viveiro central.

Aldeia: Moygu

Agentes: Porompi, Wayge e Furiga Ikpeng

Situação:

Tem três agentes. A comunidade entendeu um pouco do trabalho, está apoiando e espera ver os resultados. Alguns trabalhos estão em fase inicial, como recuperação das sementes das plantas da roça, manejo de inajá, do tucunzinho, produção de mudas de frutas e plantio de frutíferas em algumas casas.

Propostas:

Participação de um dos agentes para expedição do Jatobá, para coleta de recursos. Instalação de um viveiro. Plantio de mudas de frutas no posto Pavuru e em quintais. Cobertura morta nas mudas. Enriquecimento de capoeiras próximas da aldeia e do posto. Fazer uma oficina com a comunidade e professores para priorizar e caracterizar os recursos listados durante o acompanhamento. Realizar o inventário do tucunzinho. Promover o desenvolvimento do plano de manejo das plantas da roça.

Aldeia: Ngojwêre

Agente: Teto Suiá

Situação:

Aldeia nova, pessoal ainda considera muito cedo para início dos trabalhos. Tem um agente de manejo novo, ainda inexperiente. Tem muita área ainda de terra preta. Tem muitos pequizais antigos que o pessoal ficou de fazer a limpeza e não derrubar. A terra está sendo arada com trator dos fazendeiros. Falta peixe para o pessoal próximo da aldeia. Com o início do projeto de óleo do pequi, seria oportuno realizar um inventário dos pequizais.

Propostas:

Esperar o término da construção da aldeia pra iniciar os trabalhos de manejo. Dar a apoio ao trabalho do Teto. Conseguir sementes de babaçu.

Posto Diauarum

Agente: Takapejewi, Jani, Mussi Kaiabi e Tawayku Yudjá Kaiabi

Situação:

É o local do viveiro central, com a melhor infraestrutura. O viveiro produz muitas mudas mas, a comunidade não foi consultada sobre os tipos de mudas que quer plantar. As vezes faltam cuidados com as mudas, que chegam a passar do ponto de plantio. A comunidade, por enquanto, está de fora do trabalho do viveiro. Aconteceram mudanças na organização do trabalho do viveiro, com a substituição do responsável pelo viveiro. Está iniciando um processo de integração do trabalho do viveiro com a escola.

Propostas:

Realizar o acompanhamento junto aos agentes e moradores para esclarecer a comunidade e conhecer o seu pensamento sobre o trabalho de manejo. Organizar o trabalho de coleta de sementes de frutas nativas, incluindo as frutas consumidas nas casas e coleta no mato. Programar atividades conjuntas entre a escola e os agentes de manejo, como por exemplo: visitas ao viveiro, plantio de mudas e cuidados com as frutas plantadas no posto e nas casas.

PEDIDOS DE MATERIAIS PARA OS AGENTES DE MANEJO

Registrados até 24/07/2002

Tuba Tuba: quatro machados, 2 rastelos, 1 martelo, 1 serrote, 1 carrinho de mão e 30 saquinhos para mudas.

Pakisamba : 1 serrote, 1 carrinho de mão e 50 saquinhos para mudas.

Moitara: 1 rastelo, 1 enxada, 1 foice, 1 pá, um carrinho de mão e 50 saquinhos para mudas.

PROGRAMAÇÃO PARA O SEGUNDO SEMESTRE DE 2002

1. Curso sobre sementes florestais em Juína – Pronatura/MMA agosto de 2002; participação de Marcus Schmidt e 4 agentes de manejo: Takapejuwi Kaiabi, Wetkere Kĩsédje, Yasariku Yudja e Wayge Ikpeng.
2. Oficinas sobre Ciência da roça, aldeias Kwaruja ou Tuiarare Kaiabi e Tuba Tuba Yudja, data provável: setembro de agentes de aldeias próximas.
3. Oficinas sobre Manejo da palha do inajazeiro, aldeias Tuiarare Kaiabi e Tuba Tuba Yudja, data provável: agosto e outubro, participação de agentes de aldeias próximas.
4. Curso sobre sementes florestais. Data provável: final de setembro, início de agosto. participação de todos agentes de manejo, local a definir.
5. Reunião de trabalho dos agentes junto com agentes de saúde e professores, para estudar como podem ser feitos trabalhos conjuntos, para melhorar a situação de saúde, alimentação e conservação do ambiente do Xingu. Data provável: outubro, antes do início do curso dos professores. Local: Diauarum.
6. Curso sobre viveiros e quintais – Pronaf, primeiro semestre de 2003; convite para todos os agentes; local a definir.

Obs

Cada curso será seguido de acompanhamento nas aldeias. Prevê-se pelo menos uma visita para cada agentes de manejo até o fim de 2002.

Reunião com diretoria da ATIX

23/07/2002

1. Apresentação da Diretoria do manejo
2. Carta para o Governador de Mato Grosso
3. Relato dos trabalhos realizados em 2002
 - Curso sobre manejo da palha de inajá – aldeia Maraka Kaiabi, maio
 - Oficinas sobre Ciência da roça com Ângela Cordeiro – aldeias Kwaruja Kaiabi e Tuba Tuba Yudja- junho
 - Oficinas sobre ecologia de abelhas nativas e europa (*Apis*) – Moygu Ikpeng, Ngojwere Kĩsédje e Tuba Tuba Yudja – junho e julho
 - Monitoramento de população natural de arumã e do plantio experimental – aldeia Sobradinho Kaiabi – julho
 - Acompanhamento técnico dos agentes de manejo em aldeias – maio, junho e julho. Foram tratados os seguintes assuntos com o agente incluindo conversa com lideranças e comunidade: relação do agente com a comunidade; avaliação do trabalho do agente; recursos naturais que a comunidade quer manejar; recuperação das sementes da roça; programação para o segundo semestre de 2002.
4. Apresentação do projeto para consolidar a organização do curso de manejo para a TNC do Brasil.
5. Mudanças na organização dos trabalhos no viveiro do PI Diauarum.
6. Encontro de trabalho da diretoria do manejo com assessores para fazer um resumo da situação dos trabalhos dos agentes de cada aldeia, listar recursos naturais que as comunidades querem manejar e fazer uma avaliação geral do trabalho. Com base nisto, foram identificados temas para serem trabalhados com os agentes daqui para frente e foi feito um planejamento das ações a serem realizadas no segundo semestre de 2002.